Card. Henry Edward Manning

O PAPA E O ANTICRISTO

A crise atual da Santa Sé à luz da profecia



controversiacatolica.com

O PAPA
E O ANTICRISTO

A CRISE ATUAL DA SANTA SÉ
À LUZ DA PROFECIA

Quatro Conferências

Por Sua Eminência Reverendíssima,
Cardeal HENRY EDWARD MANNING, D.D.,
então Protonotário Apostólico e Proposto do
Capítulo Metropolitano de Westminster.

Tradução: Diogo Rafael Moreira
Revisão: Jose Alberto Diedrich

controversiacatolica.com

ÍNDICE

INFORMAÇÃO SOBRE A OBRA

Texto traduzido da obra originalmente publicada em inglês sob o título *The Present Crisis of the Holy See tested by Prophecy: Four Lectures* em Londres, Burns & Lambert, 1961.

A mesma obra foi posteriormente republicada como parte de um tratado sobre o poder temporal do Papa, intitulado *The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ*, com algumas adaptações ao seu objeto principal. A terceira edição desta obra (Londres: Burns and Oates, 1880) e a sua versão italiana, *Il Dominio Temporale del Vicario di Gesù Cristo* (Roma: Prop. Fidei, 1862), também nos serviram de referência para a presente tradução.

PREFÁCIO

AO REVERENDÍSSIMO
JOHN HENRY NEWMAN, D.D.
da Congregação de São Felipe Néri

MEU CARO DR. NEWMAN,

Há cerca de três anos, Vossa Reverendíssima bondosamente uniu, na dedicatória de seu último volume de Sermões, o meu nome ao seu. Deixe-me dar uma prova de como me foi grato estar, de alguma maneira, ligado ao senhor, pedindo que me permita unir o seu nome ao meu, neste indigno retorno. Como o senhor bem sabe, essa é a antiga barganha.

O senhor foi muito gentil, ao tomar-me como seu amigo por quase trinta anos. Isso me indica que ambos estamos chegando àquela fase da vida, em que os homens podem olhar para trás, a fim de medir o caminho que trilharam. De fato, não foi pouco ter vivido uma vida ativa, farta de acontecimentos e trabalhos, no decorrer de um quarto de século e por uma geração inteira. Com raríssimas exceções, já se foram todos os homens que gozavam de crédito e poder, quando começamos nossa amizade e, desde que entramos na

vida, uma nova geração nasceu e cresceu até chegar à maturidade.

Os homens sempre são tentados a pensar que os tempos, em que vivem, ultrapassam em fecundidade e importância aqueles de outras épocas. Mas, fazendo concessão a esse mal tão comum, não penso que não estaremos muito enganados ao considerar, como excepcionalmente significativos, os trinta anos que, começando com a Emancipação Católica, abrangem a restauração do Episcopado Católico, na Inglaterra, e terminam com o movimento anticristão da Europa, contra a soberania temporal da Santa Sé. Devo acrescentar que, para o senhor e para mim, esse período tem ainda outro interesse, alto e singular, por conta do movimento intelectual que, surgido principalmente em Oxford, fez-se sentir em todo o nosso país e em nossos tempos.[1]

---

1 O Movimento de Oxford (1833-1845) pode ser visto de duas perspectivas diferentes. Primeiro, como um movimento dentro da ala conservadora (*High Church*) da Igreja Anglicana, concebendo a Santa Igreja Católica como um corpo visível sobre a terra, unido por um laço de unidade espiritual e absoluto, embora dividido em seções nacionais e outros tipos de divisão. Esse conceito universalista procurava produzir um senso de continuidade eclesiástica entre a Igreja Primitiva e a Igreja Anglicana, o que se evidencia, ainda mais, pela importância dada aos Santos

O senhor foi um grande construtor desta obra, e eu sou uma testemunha do crescimento dela. O senhor esteve muito tempo em Oxford, ainda com todas as suas peculiaridades, tão caras a nós dois; já de minha parte, fui afastado e tive que trabalhar só. Não obstante, tenho, para com o senhor, uma dívida de gratidão, pelo auxílio intelectual e esclarecimento a mim prestados, maior do que a que nutro para com qualquer outro homem de nosso tempo. Por isso, vir agora reconhecê-lo publicamente, proporciona-me uma satisfação sincera, muito embora não haja como retribuir à altura.

Padres, como seus guias e mestres (*Royal Commission on Eclesiastical Discipline*, 1906). Esse é o ponto de vista mantido nos *Tracts for the Times* de 1833 a 1841, que deu ao movimento o apelido de tractariano. Ele se originou e encerrou com John Henry Newman. Uma outa perspectiva, muito diferente, foi apresentada pelo próprio Newman em suas *Lectures on Anglican Difficulties* de 1850. Segundo ele, o Movimento de Oxford não aspirava a permanecer como um ramo da Igreja Anglicana, mas queria – justamente – superar as divisões nacionais. Em última análise, o objetivo era absorver as várias denominações e partidos anglicanos na Igreja Católica Romana, de onde seus ancestrais haviam saído no tempo da Reforma. E, como Newman havia liderado a fase anglicana do movimento, também ele abriu caminho para Roma, convertendo-se em 1845. [N. do T.]

Entre as muitas coisas que dão, a este momento, um interesse vívido e grave, está o desenvolvimento, pronunciado e explícito, de ambos os lados, dos dois grandes movimentos intelectuais, cujo curso temos observado por tanto tempo. Houve um dia, em que estes, que agora se opõem como católicos e racionalistas, estavam – aparentemente – com estreita e perfeita identidade de convicção. Mas, sob a forma de uma opinião comum, jazia, mesmo então, o antagonismo essencial de dois princípios, cuja divergência é tão ampla, quanto aquela que exerce a fé divina ou a opinião humana, sobre a mente dos homens.

Todos os anos têm confirmado, com evidências luminosas, as razões que, ao senhor e a mim, fizeram elevar as convicções do intelecto à consciência da fé, e nos revelaram a divina unidade e dotes da única Igreja de Deus. No entanto, alguns dos que estavam ao nosso lado – ou sentados aos seus pés – foram arrastados de volta, como por uma torrente impetuosa, ao anglicanismo, protestantismo, latitudinarianismo e deísmo racionalista.[2] Enquanto o caráter divino e a soberania da

---

2 Como consequência das divisões e conflitos domésticos entre os protestantes, alguns de seus líderes propuseram a tese de que a adesão a alguns artigos fundamentais, claramente expressos na Sagrada Escritura, basta para fazer

única Igreja Católica e Romana, com as prerrogativas do Vigário do Verbo Encarnado, manifestaram-se a nós com uma amplitude e majestade – que exigem a obediência amorosa do intelecto, do coração e da vontade, e de todos os poderes de nossa vida – outros, que outrora bem amávamos, vieram a julgar, como principal título de grandeza, uma política que, para mim, é simplesmente o prelúdio do Anticristo.

A política sobre assuntos italianos da Inglaterra não tem outro nome. E estou pasmado de ver que o grande povo francês, tão avesso à preeminência inglesa, tão cioso de sua influência e tão justamente desdenhoso dos absurdos do protestantismo inglês, tenha se deixado levar ou se obrigado a cumprir uma política odiosa à França católica, superando todas as expectativas da Inglaterra

---

de alguém um verdadeiro cristão. Esse movimento, não só falhou em impedir o processo de desintegração da seita, como também contribuiu poderosamente para ventilar a noção de que – desde que se admita o cristianismo como a religião verdadeira – pouco importa a denominação particular de cada um. Logo vulgarizou-se essa ideia de que não há credo estabelecido nas Escrituras e de que todas as fórmulas têm o mesmo valor e conduzem à salvação. Um grande número de membros da Igreja Anglicana aderiu a essa espécie de indiferentismo religioso, que veio a ser conhecido nesses meios como *latitudinarianismo*. [N. do T.]

única Igreja Católica e Romana, com as prerrogativas do Vigário do Verbo Encarnado, manifestaram-se a nós com uma amplitude e majestade – que exigem a obediência amorosa do intelecto, do coração e da vontade, e de todos os poderes de nossa vida – outros, que outrora bem amávamos, vieram a julgar, como principal título de grandeza, uma política que, para mim, é simplesmente o prelúdio do Anticristo.

A política sobre assuntos italianos da Inglaterra não tem outro nome. E estou pasmado de ver que o grande povo francês, tão avesso à preeminência inglesa, tão cioso de sua influência e tão justamente desdenhoso dos absurdos do protestantismo inglês, tenha se deixado levar ou se obrigado a cumprir uma política odiosa à França católica, superando todas as expectativas da Inglaterra

---

de alguém um verdadeiro cristão. Esse movimento, não só falhou em impedir o processo de desintegração da seita, como também contribuiu poderosamente para ventilar a noção de que – desde que se admita o cristianismo como a religião verdadeira – pouco importa a denominação particular de cada um. Logo vulgarizou-se essa ideia de que não há credo estabelecido nas Escrituras e de que todas as fórmulas têm o mesmo valor e conduzem à salvação. Um grande número de membros da Igreja Anglicana aderiu a essa espécie de indiferentismo religioso, que veio a ser conhecido nesses meios como *latitudinarianismo*. [N. do T.]

clamações sobre esses tópicos – das leis que formaram a Europa cristã, e de tudo o que é precioso na constituição inglesa, para aprovar uma política subversiva da sociedade europeia.

Sem dúvida, a lei das nações, os direitos públicos, os tratados estabelecidos e a posse legítima são, para a escola moderna de estadistas, coisa nula e sem sentido. No entanto, são essas realidades que unem a sociedade; são elas que constituem os testes morais, pelos quais a justiça de uma causa deve ser provada. A política, que as viola, é imoral; seu fim é a ilegalidade pública, e seu sucesso será o seu próprio castigo. Ora, não tenho convicção mais profunda, senão de que esse movimento anticatólico, liderado ou estimulado pela Inglaterra, terá seu pleno êxito e reinará supremo por algum tempo. Depois disso, talvez antes de estarmos em nossos túmulos, todos os que dele participaram – príncipes, estadistas e povos – serão punidos por um conflito universal, acompanhado de revolução, perante o qual a guerra de 1793 e as guerras do Primeiro Império não são, senão, um pálido prelúdio.

O que mais me envergonha e alarma é ver homens que, antes, acreditavam em uma ordem superior da política cristã, agora propagarem – contra a Santa Sé – a doutrina da nacionalidade e da

legalidade da revolução. Se aplicada à Inglaterra, somente falharia em desmembrar o império, porque seria reprimida com o derramamento de sangue. Parece ser, como se os homens tivessem perdido a luz da razão. De outro modo, como podemos explicar a cegueira, que não consegue perceber que o conflito da França e da Áustria enfraqueceu a sociedade católica da Europa, dando à política protestante da Inglaterra e da Prússia, um predomínio muito perigoso? Não tardará para que uma guerra europeia desgaste e ponha a perder os poderes da sociedade cristã, tanto protestante como católica. Dará, então, uma predominância fatal à sociedade anticristã, ou à revolução, que está em todos os lugares se preparando para travar o derradeiro combate e conquistar a supremacia. Enfraquecida a sociedade católica da Europa, a sociedade cristã, em breve, por sua vez, ruirá. Então, virá o castigo.

A convicção que tenho – de que uma grande retribuição está se aproximando do movimento anticatólico da Inglaterra, França e Itália – torna-se ainda mais certa, pelo fato de que o ponto crítico de todo o conflito, a chave de tudo e o último sucesso a ser conquistado, é o destronamento do Vigário de nosso Redentor. O poder temporal do

Papa – dizem eles – tem sido o grande obstáculo para a paz da Itália e da Europa. É isso o que divide e dá o dom das duas correntes. *Qui non mecum, contra me est*. Eles terão o seu momento, e o Vigário de Jesus Cristo há de esperar a sua vez. *Si moram fecerit, expecta illum; quia veniens veniet, et non tardabit.*

Enquanto isso, a Inglaterra se prepara para sua própria ruína. Ela tem encabeçado a infidelidade na Europa e será devorada por seus próprios seguidores. A Reforma deu sua contribuição. O protestantismo, como a túnica de Nesso, prendeu-se à carne da Inglaterra e, finalmente, chegará o seu dia. Dizem que o homem tem cerca de oitenta e três parasitas, que vivem de sua substância. Do mesmo modo, a Igreja Anglicana dá pastagem a toda heresia e aloja, em seu sistema, o que a Igreja viva de Deus repele e expulsa para longe de si. Neste momento, na Igreja Anglicana, coexistem – com reconhecimento formal – sabelianismo, pelagianismo, nestorianismo, calvinismo, luteranismo, zuinglianismo, naturalismo e racionalismo. Eu passo em silêncio uma infinidade de outras heresias, menos formais, e nomeio somente essas, porque têm uma existência definida e ativa no estabelecimento e aí estão se reproduzindo.

É a inimizade intrínseca, dessa aglomeração

de heresias, que dirige o poder político da Inglaterra contra a Igreja Católica e, sobretudo, contra a Santa Sé. E isso dá, à Inglaterra, a triste e má preeminência de ser o poder do mundo ais anticatólico, e também, por isso, o mais anticristão.

Nas páginas seguintes, hei-me esforçado – embora da maneira a mais insuficiente, dada a grandeza do assunto – para mostrar que está acontecendo, em nossos tempos – o prelúdio do período anticristão do destronamento final da Cristandade e da restauração da sociedade sem Deus no mundo. Senão, mais cedo ou mais tarde, assim será. "*O Filho do homem vai certamente como está escrito dele: Mas ai daquele homem, por cuja intervenção há de ser entregue o Filho do homem e melhor fora ao tal homem não haver nascido.*" (S. Mat. xxvi. 24).

Que Deus nos livre, ainda que só pelo silêncio, de ter parte na perseguição de Sua Igreja!

Creia-me, meu caro Dr. Newman, sempre afetuosamente vosso,

H. E. MANNING.

ST. MARY's, BAYSWATER,
Páscoa de 1861

1.ª CONFERÊNCIA



Ne quis vos seducat ullo modo: quoniam nisi venerit discessio primum, et revelatus fuerit homo peccati, filius perditionis... (II. Thess. II. 3.)

Estou plenamente ciente de que as verdades e os princípios da Revelação foram, pelo consentimento unânime dos homens públicos, formalmente excluídos da esfera política, e bem sei que empregá-los, como critério, para entender os acontecimentos do mundo é tido, nos dias de hoje, como uma debilidade de espírito.

Aqueles, que rejeitam completamente a Revelação, formam tal juízo com alguma coerência. De minha parte, porém, ignoro com que coerência o fazem aqueles que, professando acreditar na verdade do governo divino sobre o mundo, ainda assim o excluem do campo da história contem-

porânea. Vou, pois, *prudens et videns*, contra o espírito popular destes tempos e, talvez, sob pena de me expor ao desprezo ou compaixão, daqueles que acreditam que o mundo é governado unicamente pela ação da vontade humana. A esse risco, inscrevo-me de boa vontade e sem perturbação.

Minha intenção é examinar a atual relação da Igreja com os poderes civis do mundo, à luz de uma profecia registrada por São Paulo, e extrair certos princípios de caráter prático, para a direção daqueles que acreditam estar a vontade divina, também, presente nos eventos, que agora acontecem diante de nossos olhos.

Não vou entrar em exposições do Apocalipse ou calcular o ano do fim do mundo. Deixo isso para os que se sentem chamados a tais coisas. Os pontos que me proponho a abordar são poucos e práticos. O resultado que desejo atingir é um discernimento mais claro de quais princípios são cristãos e quais são anticristãos, com uma apreciação mais segura do caráter dos eventos pelos quais, atualmente, são provadas a Igreja e a Santa Sé.

São Paulo, escrevendo aos Tessalonicenses, diz: "*Ninguém, de modo algum, vos engane; porque não será, sem que antes venha a apostasia, e sem que antes tenha aparecido o homem do pe-*

cado, o filho da perdição, aquele que se opõe e se eleva sobre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, de sorte que se assentará no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus. Não vos lembrais de que eu vos disse estas coisas, quando ainda estava convosco? E vós sabeis que é o que agora o retém, a fim de que seja manifestado a seu tempo. Porque o mistério da iniquidade já de presente se obra; somente que aquele, que agora o retém, retenha, até que seja tirado do meio. E, então, aparecerá o tal iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá com o resplendor de sua vinda; a vinda do qual é, segundo a obra de Satanás, em todo o seu poder, e em sinais e em prodígios mentirosos, e em toda a sedução da iniquidade para aqueles que perecem; porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. Por isso, lhes enviará Deus a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam condenados todos os que não deram crédito à verdade, antes assentiram à iniquidade."[4]

Aqui, temos uma profecia de quatro grandes fatos: primeiro, uma *revolta*, que deve preceder a segunda vinda de Nosso Senhor; em segundo

4 II. Tess. ii. 3-11.

lugar, *manifestação* de alguém que é chamado de "o tal iníquo"; em terceiro lugar, um *obstáculo*, que restringe sua manifestação; e, por último, o *período de poder e perseguição*, do qual ele será o autor.

Ao tratar desse assunto, não me aventurarei a quaisquer conjecturas pessoais, mas relatarei, simplesmente, o que encontrei nos Padres da Igreja ou em tais teólogos reconhecidos pela Igreja, a saber, Belarmino, Léssio, Malvenda, Viegas, Suárez, Ribera e outros.

Então, primeiramente, o que é essa revolta? No original, ela é chamada de *αποσταοία*, "apostasia", e na Vulgata, *discessio* ou "ruptura". Ora, uma revolta implica uma separação sediciosa de alguma autoridade e uma consequente oposição a ela. Logo, se pudermos encontrar a autoridade, então, talvez assim, identifiquemos a revolta.

Ora, só há no mundo duas autoridades supremas, a civil e a espiritual; assim, tal revolta deve ser ou uma sedição, ou um cisma. Além disso, deve ser algo em um campo amplo e em proporção aos termos e eventos da profecia.

São Jerônimo, com alguns outros, interpreta essa revolta como a rebelião das nações ou províncias contra o Império Romano. Ele diz: "*Nisi venerit discessio... ut omnes gentes quae Romano*

Imperio subjacente, recedant ab eis."[5] Uma interpretação que não precisamos examinar, visto que é refutada pelos eventos da história cristã. Elas se revoltaram e não aconteceu nenhuma manifestação. Poucas provas parecem necessárias para demonstrar que esta revolta ou apostasia é uma separação, não da ordem civil, mas, sim, da ordem e autoridade espiritual. Com efeito, os escritores sagrados falam, frequentemente, de tal separação espiritual. Em uma passagem, São Paulo parece declarar, expressamente, o significado dessa palavra. Ele anunciou a São Timóteo que, nos últimos dias, τὴν ἀκοὴν ἀποστρέψουσιν, ἐπὶ δὲ τοὺς, "*alguns apostatarão da fé*", e parece evidente fazer, neste lugar, referência à mesma apostasia, com o sentido de uma ruptura espiritual.

Então, a autoridade, contra a qual a revolta deve se insurgir, é aquela do reino de Deus na terra, profetizado, por Daniel, como o reino a ser estabelecido pelo Deus do céu, depois da destruição dos quatro reis pela pedra lançada sem mãos, que se tornou uma grande montanha e encheu toda a terra. Ou seja, em outras palavras, a Igreja única e universal, fundada por nosso Divino Senhor e difundida por seus Apóstolos por todo o mundo.

---

5 S. Hier. Ep. ad Algasiam.

Neste único reino sobrenatural, foi depositado o verdadeiro e puro teísmo, ou conhecimento de Deus, e a verdadeira e única fé do Deus Encarnado, com as doutrinas e leis da graça. Essa, pois, é a autoridade contra a qual deve se armar a revolta, seja ela qual for. Sendo essa a autoridade contra a qual se levanta a revolta, não será difícil definir seu caráter. Os autores inspirados expressamente descrevem suas notas.

A primeira é **o cisma**, como demonstra São João: "*É chegada a última hora e, como vós tendes ouvido dizer que o Anticristo vem, também já, desde agora, há muitos anticristos, donde conhecemos que é chegada a última hora. Eles saíram de nós, mas não eram de nós, porque, se eles tivessem sido de nós, ficariam certamente conosco.*"[6]

A segunda é a **rejeição da obra e presença do Espírito Santo**. São Judas diz: "*Estes são os que fomentam a discórdia, homens sensuais* [isto é, homens que ignoram seu caráter sobrenatural*]*, *que não têm o Espírito.*"[7] Isso necessariamente envolve o princípio herético da opinião humana, como oposta à infalível voz do Espírito Santo, Que fala através da Igreja de Deus.

---

6 I. S. João ii. 18-19.

7 S. Judas 19.

A terceira é a **negação da Encarnação.** São João escreve: "*Todo espírito, que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; e todo espírito, que divide a Jesus* [isto é, todo o que nega o mistério da Encarnação, ou sua verdadeira divindade, ou sua verdadeira humanidade, ou a unidade ou divindade da pessoa do Filho Encarnado] *não é de Deus, mas este tal é o Anticristo, do qual vós tendes ouvido que vem, e ele agora está já no mundo.*"[8] Novamente, ele diz: "*Muitos impostores se tem levantado no mundo, que não confessam que Jesus veio em carne; este tal é impostor e um anticristo.*"[9]

Essas, pois, são as notas com as quais – de modo semelhante à Igreja, que é conhecida por suas notas – pode ser reconhecida a revolta anticristã ou apostasia. Veremos, agora, se elas podem ser verificadas na história do cristianismo, ou na posição atual da Igreja no mundo.

O primeiro ponto a notar é que, tanto São Paulo quanto São João, falam dessa revolta anticristã, como já iniciada em seus próprios dias. São Paulo diz: "*Porque o mistério da iniquidade já de presente se obra; somente que aquele, que agora o retém, retenha, até que seja tirado do*

8 I. S. João iv. ,2-3.

9 II. S. João 7.

meio."[10] E São João afirma-o expressamente, nos lugares citados acima: *"É chegada a última hora, e como vós tendes ouvido dizer que o Anticristo vem, também já desde agora há muitos anticristos, donde conhecemos que é chegada a última hora."*[11] Novamente: *"Este tal é o Anticristo, do qual vós tendes ouvido que vem, e ele agora está já no mundo."*[12]

Portanto, devemos olhar para o início dessa revolta, já no tempo dos Apóstolos. O espírito do Anticristo começou a obrar, assim que Cristo se manifestou no mundo. Numa palavra, isso descreve o contínuo operar do espírito de heresia que, desde o princípio, tem corrido em paralelo com a fé.

É evidente que São Paulo e São João aplicaram esses termos aos nicolaítas, aos gnósticos e semelhantes. As três notas do Anticristo – cisma, heresia e a negação da Encarnação – neles se manifestaram. Isso, igualmente, se aplica às heresias sabeliana, ariana, semiariana, monofisita, monotelita, eutiquiana e macedoniana. Os princípios são idênticos; os desdobramentos, diversos, mas apenas acidentais. E assim, ao longo desses mil e

---

10 II. Tess. ii, 7.

11 I. S. João ii. 18.

12 I. S. João iv. 3.

oitocentos anos, cada heresia sucessiva gerou cisma, e cada cisma gerou heresias. E todas, igualmente, negam a Voz Divina do Espírito Santo, falando continuamente através da Igreja; e todas, igualmente, substituem a fé divina pela opinião humana; e todas, igualmente, produzem, por via de um processo certo – algumas mais rapidamente, outras mais lentamente – a negação da Encarnação do Filho Eterno.

Algumas heresias se apresentam assim, logo no início; outras terminam aí mediante uma longa e imprevista transmutação, como aquela do protestantismo em racionalismo; mas como são todas idênticas em princípio, são idênticas também em suas consequências. Cada época tem sua heresia, como cada artigo de fé, pela sua negação por parte dos hereges, recebe a sua definição por parte da Igreja. O curso da heresia é mensurado e periódico; materialmente diverso, mas formalmente uno, tanto em princípio como em ação. Assim, todas as heresias, desde o início, não são mais do que o contínuo desenvolvimento e expansão do "*mistério da iniquidade*", que já de presente se obra.

Outro fenômeno, na história da heresia, é seu poder de se organizar e perpetuar, pelo menos até que acabe em alguma forma mais sutil e agressiva: por exemplo, o arianismo – que rivalizava

com a Igreja Católica em Constantinopla, Lombardia e Espanha; o donatismo – que igualou a Igreja na África; o nestorianismo – que superou, em número, a Igreja na Ásia; o maometismo – que puniu e absorveu a maioria de seus antecessores e estabeleceu, ao leste e ao sul, o mais terrível poder militar anticristão, que o mundo já viu; e o protestantismo – que se organizou como um vasto antagonista político da Santa Sé, não só ao norte, mas, por sua política e diplomacia, também nos países católicos.

A esse poder de expansão, deve se acrescentar uma certa reprodução mórbida e nociva. Os fisiologistas nos dizem existir uma unidade definitiva e perfeita, ainda nas incontáveis doenças que devoram o corpo; no entanto, cada doença parece expelir sua progênie, por corrupção e reprodução. Assim, também ocorre na história e no desenvolvimento da heresia. Para citar não mais do que estes, o gnosticismo, o arianismo e, sobretudo, o protestantismo, geraram, cada qual, uma infinidade de heresias subordinadas e afiliadas a si. É o protestantismo, entretanto, que – acima de todos os outros – traz as três notas dos escritores inspirados, com maior amplitude e evidência. Outras heresias opuseram-se a partes e detalhes da fé cristã e da Igreja. O protestantismo, porém,

tomado em seu complexo histórico, é – de todos eles – o antagonista mais formal, minucioso e comensurado do cristianismo.

Agora, somos capazes de ver isso, pelo retrospecto de trezentos anos, considerando-o em toda a sua extensão – da religião de Lutero, Calvino e Cranmer, em uma extremidade, até o racionalismo e panteísmo da Inglaterra e Alemanha, em outra. Não quero dizer que já tenha atingido seu pleno desenvolvimento, pois temos razões para acreditar que, ainda, para ele, está por nascer um futuro mais sombrio. No entanto, na medida em que *"o mistério da iniquidade já de presente se obra"*, nenhum outro antagonista foi tão fundo, em minar a fé do mundo cristão.

Não pretendo, agora, escrever um tratado sobre o poder de reprodução do protestantismo. É suficiente registrar certos fatos evidentes, na história intelectual dos últimos trezentos anos. Ei-los: o socinianismo, o racionalismo e o panteísmo são descendentes legítimos das heresias luterana e calvinista; aquela Inglaterra protestante, que é o menos intelectual e coerente dos países protestantes, oferece – neste momento – uma fresca pastagem para a comunicação e reprodução desses espíritos do erro.

Tudo o que desejo assinalar, para usar uma ex-

pressão moderna, é que o movimento da heresia é um e o mesmo desde o começo: os gnósticos foram os protestantes de sua época; os protestantes, os gnósticos de nossos dias. O princípio é idêntico, a massa do movimento tem se desdobrado em proporções maiores; seus sucessos foram acumulados, e seu antagonismo à Igreja Católica continua imutável e essencial. Há duas consequências ou operações desse movimento, tão estranhas e tão cheias de importância, dada sua relação com a Igreja, e não posso ignorá-las.

O primeiro é o desenvolvimento e o culto do princípio de nacionalidade, que sempre foi achado em combinação com a heresia. Ora, a Encarnação aboliu todas as distinções nacionais, dentro da esfera da graça, e a Igreja absorveu todas as nações em sua unidade sobrenatural. Uma Fonte de jurisdição espiritual e uma Voz Divina mantinham, unidas, as vontades e ações de uma família de nações. Mais cedo ou mais tarde, toda a heresia se identifica com a nação em que surgiu. Ela tem vivido com o apoio dos poderes civis e estes personificaram a reivindicação de independência nacional.

Esse movimento – sendo a chave do chamado Grande Cisma do Ocidente – é, também, a base lógica da Reforma. Os últimos trezentos anos de-

ram um desenvolvimento e intensidade ao espírito de nacionalismo desgarrado, do qual – até agora – não vemos senão mais do que os prelúdios. Não preciso apontar como esse nacionalismo é essencialmente cismático, o que pode ser visto – não apenas na Reforma Anglicana, mas nas liberdades galicanas e nas contendas de Portugal, na Europa e na Índia, para não mencionar mais.

Ora, eu apontei esse resultado da heresia, porque confirma uma das três notas mencionadas acima. Se, no indivíduo, a heresia dissolve a unidade da Encarnação, em uma nação, dissolve a unidade da Igreja, que é construída sobre a Encarnação. E nisso encontramos, nas palavras de São Jerônimo, um sentido mais verdadeiro e profundo, do que ele mesmo previu. Não se trata da revolta das nações do Império Romano, mas da apostasia das nações do reino de Deus, que foi erguido sobre suas ruínas. E esse processo de deserção nacional – que começou, abertamente, com a Reforma Protestante – está seguindo o seu curso, como veremos adiante, mesmo em nações ainda nominalmente católicas. A Igreja, ao perder seu caráter medieval de mãe das nações, retorna – uma vez mais – à sua condição primitiva de sociedade de membros espalhados, entre os povos e cidades do mundo.

O outro resultado – que mencionei como consequência das operações posteriores do espírito herético – é a deificação da humanidade. Isso temos diante de nós, em duas formas distintas, a saber, na filosofia panteísta e na filosofia positivista, ou melhor, na religião do positivismo, a última aberração de Comte.

Neste lugar, seria impossível dar um relato adequado desses dois desenvolvimentos finais da infidelidade; para tanto, seria preciso um tratado. Será o bastante exprimir, de forma popular, um esboço dessas duas formas de impiedade anticristã.

Tomo a expressão do panteísmo alemão, de dois de seus expositores modernos, nos quais pode-se dizer que ele culmina. Somos informados que: "*Antes do tempo em que a criação começou, podemos imaginar que uma mente infinita, uma essência infinita, ou um pensamento infinito (pois aqui tudo é uno), enchia o universo do espaço. Então, este ser, como Aquele que existe por si mesmo, deve ser a única realidade absoluta; tudo o mais apenas pode ser um desenvolvimento do único ser original e eterno... Essa essência primitiva não é... uma substância infinita, tendo ambas propriedades de extensão e pensamento, mas é um espírito infinito, atuante, produtor, que se desenvolve a si mesmo – a alma vivente do*

mundo." "Se podemos ver todas as coisas como o desenvolvimento do princípio original e absoluto da vida, razão ou ser, então é evidente, inversamente, que podemos traçar as notas do absoluto em cada coisa que existe e, consequentemente, podemos rastreá-las na operação de nossas próprias mentes, como uma fase particular de sua manifestação."

"Na filosofia prática temos três movimentos: o primeiro é aquele em que a inteligência ativa se mostra operando dentro de um circuito limitado, como em uma única mente. Esse é o princípio da individualidade, não como se a inteligência infinita fosse algo diferente do finito, ou como se houvesse uma inteligência infinita fora e à parte do finito, mas é meramente o absoluto em um de seus momentos particulares; assim como um pensamento individual é apenas um único momento de toda a mente. Então, cada razão finita é apenas um pensamento da razão infinita e eterna."

Portanto, sendo a essência absoluta todas as coisas, perdeu-se verdadeiramente toda a diferença entre Deus e o universo. Assim, o panteísmo se torna completo, *"à medida que o absoluto evolui de sua forma inferior para a superior, de acordo com a lei necessária ou o ritmo de seu ser, o mundo inteiro, material e mental, torna-se uma*

enorme cadeia de necessidade, para a qual não pode estar vinculada nenhuma ideia de criação livre."[13] Novamente: "*A Divindade é um processo que está sempre em andamento, mas nunca realizado, não, a consciência divina é absolutamente una com a consciência avançada da humanidade. A esperança da imortalidade perece; pois a morte é apenas o retorno do indivíduo ao infinito, e o homem é que se aniquila, embora a Divindade viva eternamente.*"[14]

Mais uma vez: "*A Divindade é o processo eterno de autodesenvolvimento conforme realizado no homem; a consciência divina e humana pendendo absolutamente juntas.*" "*O conhecimento de Deus e de suas manifestações é objeto da teologia especulativa... Dessas manifestações, existem três grandes esferas de observação – natureza, mente e humanidade. Na natureza, vemos a ideia divina em sua expressão mais baixa; na mente, com suas potências, faculdades, sentimentos morais, liberdade etc., vemo-la em sua forma mais elevada e perfeita; enfim, na humanidade vemos Deus, não só como criador e mantenedor,*

---

13 Vide a descrição da Escola Alemã, Schelling, Hegel e Hillebrand, em Morell, *History of Modern Philosophy*, vol. ii. pp. 126-147.

14 Ibid. p. 196.

mas também como pai e guia." "A alma é um espelho perfeito do universo, e nós só temos que olhar para ela com atenção para descobrir toda a verdade acessível à humanidade. Portanto, o que sabemos de Deus pode ser apenas o que é originalmente revelado a nós sobre Ele em nossas próprias mentes."[15] Eu vos dei esses extratos, para mostrar o desdobramento legítimo do sistema subjetivo do juízo privado, na forma de puro panteísmo racionalista.

Terminarei, com algumas palavras sobre o positivismo de Comte. Para que eu não pareça distorcer ou colorir essa forma de aberração, expô-lo-ei nas próprias palavras do autor.

Então, primeiro, ele descreve a filosofia positiva da seguinte maneira:

"A partir do estudo do desenvolvimento da inteligência humana, em todas as direções e através de todos os tempos, surge a descoberta de uma grande lei fundamental, à qual ela está necessariamente sujeita e que tem uma base sólida de prova, tanto nos fatos de nossa organização, quanto em nossa experiência histórica. A lei é esta: que cada uma de nossas principais concepções, cada ramo de nosso conhecimento,

---

15 Ibid. p. 225.

passa sucessivamente por três diferentes estados teóricos – o Teológico ou fictício; o Metafísico ou abstrato; e o Científico ou positivo. Em outras palavras, a mente humana, por natureza, emprega, em seu progresso, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e até radicalmente oposto um do outro, viz. o método teológico, o metafísico e o positivo. Daí surgem três filosofias, ou sistemas gerais de concepções, no agregado dos fenômenos, cada um dos quais exclui os outros. O primeiro é o ponto de partida necessário do entendimento humano, e o terceiro é seu estado fixo e definido. O segundo é apenas um estado de transição."

"No estado teológico, a mente humana, buscando a natureza essencial dos seres, as causas primeiras e finais (a origem e o propósito) de todos os efeitos – em suma, o conhecimento absoluto, – supõe que todos os fenômenos sejam produzidos pela ação imediata de seres sobrenaturais."

"No estado metafísico, que é apenas uma modificação do primeiro, a mente supõe, em vez de seres sobrenaturais, forças abstratas, verdadeiras entidades (isto é, abstrações personificadas), inerentes a todos os seres e capazes de produzir todos os fenômenos. O que se denomina expli-

cação dos fenômenos é, nessa etapa, uma mera referência de cada um à sua entidade própria."

"Ao final, no estado positivo, a mente desistiu da busca das noções absolutas, da origem e destino do universo e das causas dos fenômenos, e se aplica ao estudo de suas leis, isto é, de suas invariáveis relações de sucessão e semelhança. Raciocínio e observação, devidamente combinados, são os meios desse conhecimento. O que agora se entende, quando falamos de uma explicação dos fatos, é simplesmente o estabelecimento de uma conexão entre fenômenos únicos e alguns fatos gerais, cujo número diminui continuamente com o progresso da ciência."[16]

A partir do exposto, depreende-se que a crença em Deus passou para o período primeiro ou fictício da razão humana.

No entanto, após a conclusão de sua *Filosofia*, Comte percebeu a necessidade de uma religião. De onde vem o seu *Catecismo da Religião Positiva*, que assim começa: "*Em nome do Passado e do Futuro, os servos da Humanidade – tanto seus servidores filosóficos quanto práticos – apresentam-se para reivindicar, como seu quinhão, a direção geral deste mundo. Seu objetivo é constituir*

16 *Positive Philosophy*, vol. i. c. 1.

integralmente uma Providência real em todos os departamentos morais, intelectuais e materiais. Por conseguinte, eles, de uma vez por todas, excluem da supremacia política todos os diferentes servos de Deus – católicos, protestantes ou deístas – como sendo a um só tempo retrógrados e causa de perturbação."[17]

Mas, visto que não pode haver religião sem culto – e nenhum culto sem Deus – e visto, que para ele, não há Deus, Comte teve a necessidade de encontrar ou criar uma Divindade. Ora, como não existe Deus, não pode haver nenhum ser superior ao homem, e nenhum objeto de culto superior à humanidade. *"Os seres imaginários que a religião introduziu provisoriamente para seus fins foram capazes de inspirar vivos afetos no homem – afetos que eram ainda mais poderosos nos menos elaborados destes sistemas fictícios. A imensa preparação científica necessária para uma introdução ao positivismo por muito tempo parecia privá-lo de tal aptidão valiosa. Enquanto a iniciação filosófica apenas compreendia a ordem do mundo material, ou melhor, mesmo quando se estendia à ordem dos seres vivos, ela só podia revelar leis que eram indispensáveis*

17 *Catechism of Positive Religion, Preface.*

para nossa ação; não poderia fornecer-nos nenhum objeto direto para uma afeição duradoura e constante.

Esse já não é mais o caso desde o término de nossa preparação gradual pela introdução do estudo especial da ordem da existência humana, seja como um indivíduo ou como uma sociedade. Essa é a última etapa do processo. Podemos agora condensar todas as nossas concepções positivas numa única ideia de um Ser imenso e eterno, a Humanidade, destinado por leis sociológicas a um desenvolvimento constante sob a influência preponderante das necessidades biológicas e cosmológicas. Este, o verdadeiro grande Ser, de quem todos, sejam indivíduos ou sociedades, dependem como o principal motor de sua existência, torna-se o centro de nossos afetos. Eles se apoiam nele por um impulso tão espontâneo quanto nossos pensamentos e ações. Este Ser, por sua própria ideia, sugere ao mesmo tempo a fórmula sagrada do Positivismo – O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim. Sua existência composta é sempre fundada na livre concorrência de vontades independentes.

Toda discórdia tende a dissolver aquela existência que, por sua própria noção, sanciona o predomínio constante do coração sobre o intelec-

to, como única base de nossa verdadeira unidade. Então, toda a ordem das coisas daí em diante encontram sua expressão no ser que as estuda e que sempre as aperfeiçoa. A luta da Humanidade contra as influências combinadas das necessidades a que ela é obrigada a obedecer, crescendo em energia e sucesso, oferece ao coração, não menos que ao intelecto, um objeto de contemplação melhor do que a onipotência caprichosa de seu precursor teológico – caprichosa pela própria força da palavra onipotência. Tal Ser Supremo está mais ao alcance de nossos sentimentos, bem como de nossas concepções, pois é de natureza idêntica a seus servos, ao mesmo tempo que é superior a eles."

"Humanidade deve definir-se como o conjunto dos seres humanos, do passado, presente e futuro. A palavra conjunto indica claramente que não se deve contar todos os homens, mas somente aqueles que são realmente capazes de assimilação, em virtude de uma cooperação real de sua parte na promoção do bem comum. Todos nascem necessariamente filhos da Humanidade, mas nem todos se tornaram seus servos. Muitos permanecem no estado parasitário, que, desculpável durante sua educação, torna-se culpável quando essa educação for concluída. Tempos de

anarquia trazem à tona enxames de tais criaturas, ou melhor, até permitem que floresçam, embora sejam, na triste verdade, apenas um fardo para o verdadeiro Grande Ser."[18]

Observe-se que, tanto o panteísmo quanto o positivismo, terminam na deificação do homem; eles são um egoísmo sem limites, uma apoteose do orgulho humano. Não vou me alongar mais neste ponto; eu o mencionei, apenas porque terei de me referir a ele mais adiante. Deixem-me, agora, resumir brevemente o que disse até aqui.

Vimos que foi predito que, antes da manifestação do último grande antagonista de Deus e de Seu Filho Encarnado, deve haver uma revolta e apostasia; vimos que a autoridade, contra a qual a revolta deve ser feita, é manifestamente a da Igreja de Deus, e que será uma revolta com as três notas de cisma, heresia e negação da Encarnação; vimos, também, que esse movimento anticristão estava em ação mesmo nos dias dos apóstolos; que ele tem obrado, desde então, de múltiplas formas e em tempos distintos, com os desenvolvimentos mais diversos e, até mesmo, contraditórios; no entanto, é sempre um e o mesmo, idêntico no princípio e no seu antagonismo

---

18 *Catechism of Positive Religion*, pp. 63, 74.

à Encarnação e à Igreja. É evidente que esse movimento acumulou seus resultados, de época em época, e que, neste momento, está mais maduro e tem uma estatura mais elevada e um poder maior, bem como um antagonismo mais formal à Igreja e à fé, do que nunca antes.

Ele se vinculou ao orgulho dos governos pelo nacionalismo, e dos indivíduos, pela filosofia; sob as formas de protestantismo, civilização, secularismo, ele tem organizado um vasto poder anticatólico no leste, norte e oeste da Europa. Na verdade, católico e anticatólico descrevem as duas correntes. Temo que devo acrescentar, cristão e anticristão. E este é um dos meus propósitos, ao tratar deste assunto, diante de nós; estou convencido de que multidões estão sendo arrastadas, sem saber para onde vão, por um movimento, essencialmente oposto a todas as suas melhores e mais profundas convicções, porque são incapazes de discernir o seu verdadeiro princípio e caráter.

Na linha atual da opinião pública, da Europa contra a Santa Sé e o Vigário de Jesus Cristo, pode-se discernir o instinto anticristão. As revoluções na Itália, amparadas pelo espírito anticatólico do continente e pela política da Inglaterra, estão cumprindo as profecias e confirmando nossa fé. Mas espero mostrar isso mais comple-

tamente mais adiante. Parece inevitável que a inimizade de todas as nações (que estão separadas da unidade católica – e penetradas pelo espírito da Reforma, isto é, pelo espírito do juízo privado, em oposição à Voz Divina da Igreja viva, e pela incredulidade que tem banido a presença eucarística do Verbo Encarnado) deva concentrar-se contra a pessoa que é o Vigário e Representante de Jesus, e contra o Corpo que, sozinho, dá testemunho da Encarnação e de todos os seus mistérios de verdade e graça. Tal é a única Santa Igreja Católica e Romana, e tal é o Sumo Pontífice, sua Cabeça Visível. Tais são, nas palavras da Sagrada Escritura, os dois mistérios da piedade e da iniquidade.

Todas as coisas estão lançando, à luz e à proeminência, os dois poderes últimos que dividem os destinos dos homens. O conflito é um simples antagonismo de Cristo e Anticristo. Essas duas correntes estão se organizando em ordem de batalha, e os homens estão escolhendo seus princípios; ou os eventos estão escolhendo por eles; e eles, assim, vão sendo – inconscientemente – arrastados por correntes que ignoram. A teoria de que política e religião são esferas separadas é uma ilusão e uma armadilha. Pois a história só pode ser lida verdadeiramente à luz da fé; e o presente só pode

ser interpretado pela luz da Revelação: pois acima das vontades humanas, que agora estão em conflito, há uma Vontade – soberana e divina – que está conduzindo todas as coisas para cumprir o seu próprio fim perfeito.

2.ª CONFERÊNCIA



Filius perditionis qui adversatur et extollitur supra omne, quod dicitur Deus, aut quod colitur, ita ut in templo Dei sedeat ostendens se tamquam sit Deus.
(II. Thess. II. 4.).

Então, tal é a Revolta, que tem ganhado força, nestes 1800 anos, e que vem amadurecendo para a hora, em que há de receber o seu líder e cabeça.

A interpretação universalmente aceita pelos controversistas anticatólicos – segundo a qual, primeiro, o Anticristo é considerado um espírito ou um sistema, e não uma pessoa; e, depois, que esse é a Igreja Católica Romana ou o Vigário do Verbo Encarnado – é o golpe de mestre do engano. Ele põe, em repouso, todo o temor e inspira presunção e confiança. Desse modo, concentra a atenção dos homens, a buscarem os sinais de sua

2.ª CONFERÊNCIA



Filius perditionis qui adversatur et extollitur supra omne, quod dicitur Deus, aut quod colitur, ita ut in templo Dei sedeat ostendens se tamquam sit Deus.
(II. Thess. II. 4.).

Então, tal é a Revolta, que tem ganhado força, nestes 1800 anos, e que vem amadurecendo para a hora, em que há de receber o seu líder e cabeça.

A interpretação universalmente aceita pelos controversistas anticatólicos – segundo a qual, primeiro, o Anticristo é considerado um espírito ou um sistema, e não uma pessoa; e, depois, que esse é a Igreja Católica Romana ou o Vigário do Verbo Encarnado – é o golpe de mestre do engano. Ele põe, em repouso, todo o temor e inspira presunção e confiança. Desse modo, concentra a atenção dos homens, a buscarem os sinais de sua

aparição em qualquer lugar, menos onde eles podem ser vistos, ao mesmo tempo que a desvia dos ambientes, onde eles já são visíveis.

Ora, não hesito em dizer que, em todas as profecias da Revelação, não há nenhuma entre elas que se relacione – de forma mais explícita e expressa, com a vinda de Cristo – do que aquelas que têm relação com a vinda do Anticristo.

1. Ele é descrito com todos os atributos de uma pessoa. Nessa mesma passagem, São Paulo o chama de *"aquele iníquo"*, *ανομος*, *ille iniquus;* *o "homem do pecado"*, *ανθρωπος της αμαρτιας*, *homo peccati; e "filho da perdição"*, *υιος της απωλειας*. E São João, em quatro lugares, fala dele como o Anticristo. Por conseguinte, negar a personalidade do Anticristo é negar o testemunho claro da Sagrada Escritura. Explicar esses termos e títulos pessoais, como de um sistema ou espírito, é tão racionalista quanto a impiedade de Strauss, ao negar o *"Cristo histórico"*, isto é, enquanto pessoa.

É uma lei da Sagrada Escritura que, quando as pessoas são profetizadas, elas aparecem. Exemplo disso são as profecias a respeito de São João Batista ou da Santíssima Virgem, ou do próprio Nosso Senhor.

Todos os Padres, tanto do Oriente como do

Ocidente, – Santo Irineu, São Cipriano, São Jerônimo, Santo Ambrósio, São Cirilo de Jerusalém, São Gregório de Nazianzo, São João Crisóstomo, Teofilato, Ecumênio – todos interpretam essas passagens, no sentido literal e pessoal de um Anticristo. O que posso chamar de "*interpretação corporativa*" é algo moderno, herético, controverso e irracional. Esse sistema fantasioso e contraditório foi suficientemente destruído, até mesmo, por escritores protestantes: Todd, em sua obra sobre o Anticristo, um livro erudito e digno de crédito, embora um tanto desfigurado pelas *reliquae* de preconceito protestante; Greswell, em sua *Exposition of the Parables*; e Maitland, sobre Daniel e São João. Na Alemanha, mesmo entre os intérpretes protestantes, manter a interpretação anticatólica é visto como uma renúncia ao distintivo de estudioso da Bíblia. Os protestantes da Inglaterra ainda são, como sempre foram, os menos cultos e razoáveis.

De fato, é verdade que o Anticristo teve, e ainda pode ter, muitos precursores, como também o teve o próprio Cristo: Isaac, Moisés, Josué, Davi, Jeremias eram tipos deste; assim também, Antíoco, Juliano, Ário, Maomé e muitos mais são tipos daquele. Afinal, pessoas tipificam pessoas. Assim, novamente, como Cristo é a Cabeça e o

Representante, no qual todo o mistério da piedade foi resumido e recapitulado, também todo o mistério da impiedade encontrará sua expressão e sua cabeça na pessoa do Anticristo. De fato, ele pode incorporar um espírito e representar um sistema, mas, nem por isso, é algo menos do que uma pessoa. Assim, também dizem os teólogos. Belarmino propõe: *"Todos os católicos afirmam que o Anticristo será uma pessoa individual."*[19] Léssio diz: *"Todos concordam em ensinar que o Anticristo, propriamente, não será muitos, mas uma única pessoa."*[20] Suárez chega a dizer que essa doutrina do Anticristo pessoal é *"certa de fide"*.[21]

2. Em seguida, os Padres acreditaram que o Anticristo será da raça judaica. Essa foi a opinião de Santo Irineu, São Jerônimo, do autor da obra *De Consummatione Mundi* (atribuída a Santo Hipólito), do escritor de um Comentário à Epístola aos Tessalonicenses (atribuído a Santo Ambrósio), e de muitos outros, acrescentando ser ele será da tribo de Dã: como, por exemplo, São Gregório Magno, Teodoreto, Aretas de Ce-

---

19 Bellarm. de Summo Pontif. lib. iii, c. 2.

20 De Antichristo, Tertia Dem.

21 In iii. p. D. Thomæ, Disp. liv. s. 1.

sareia e muitos mais.[22] Essa também é a opinião de Belarmino, que a chama de "certa".[23] Léssio afirma que os Padres, com consentimento unânime, ensinam como indubitável que o Anticristo será um judeu.[24] Ribera repete a mesma opinião e acrescenta que Aretas, São Beda, Haymo, Santo Anselmo e Rupert afirmam ser, por essa razão, que a tribo de Dã não foi contada entre as que estão seladas no Apocalipse.[25] Viegas diz o mesmo, citando outras autoridades.[26] E isso parecerá provável, se considerarmos que o Anticristo virá para enganar aos judeus, de acordo com a profecia de nosso Senhor: *"Eu vim em nome de meu Pai, e vós não me recebeis: Se vier outro em seu próprio nome haveis de recebê-lo"*.

Essas palavras são interpretadas, pelos Padres, com um só consenso, o do falso Messias, que será tido, pelos judeus, como o verdadeiro. E essa, novamente, é a interpretação unânime dos Padres, tanto do Oriente como do Ocidente: São Cirilo de Jerusalém, Santo Efrém da Síria, São Gregório de Nazianzo, São Gregório de Nissa,

22 Malvenda de Antichristo, lib. ii. cc. x. xi.

23 Ibid. c. xii.

24 Ibid. in præfatione.

25 Ribera, in Apocalypsin, c. vii.

26 Viegas in Apoc. c. vii.

São João Damasceno; também Santo Irineu, São Cipriano, São Jerônimo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho. Além disso, a sua probabilidade também se fará manifesta, se considerarmos que um falso Messias careceria da primeira qualidade necessária para seu bom êxito, se não fosse da casa de Davi: que os judeus ainda estão esperando por sua vinda; que, com a crucificação do verdadeiro Messias, eles já prepararam o caminho para seu engano. É precisamente por isso que os Padres também interpretaram, como referentes ao verdadeiro e ao falso Messias, aquelas palavras de São Paulo aos Tessalonicenses: *"Porque não receberam o amor da verdade para serem salvos; por isso lhes enviará Deus a operação do erro, para que creiam na mentira."*

Ora, penso que ninguém pode considerar a dispersão e preservação providencial dos judeus – entre todas as nações do mundo – a vitalidade indestrutível de sua raça e não se sentir, ao mesmo tempo, forçado a crer estarem eles reservados para algum desígnio futuro, do severo juízo de Deus e de sua graça. E tal nos é predito repetidas vezes, em o Novo Testamento, nas Epístolas aos Romanos e aos Coríntios.[27]

---

27 Rom. xi. 15-24; II. Cor. iii. 16.

3. A partir disso, percebemos um terceiro caráter do Anticristo, a saber, que ele não será simplesmente o antagonista, mas o substituto ou suplantador do verdadeiro Messias.[28] E isso se torna ainda mais provável, pelo fato de que o Messias – procurado pelos judeus – sempre foi um libertador temporal, o restaurador de seu poder temporal; ou – em outras palavras – um político e príncipe militar. É óbvio, também, que quem se aventurar a enganá-los, na pretensa qualidade de seu Messias, deverá – por necessidade – negar a Encarnação, independentemente de qualquer pretenso caráter sobrenatural, que arrogue a si mesmo. O Anticristo será, em sua própria pessoa, uma negação completa de toda a fé cristã e da Igreja. Afinal, se ele é o verdadeiro Messias, o Cristo dos cristãos deve ser falso.

Talvez não percebamos suficientemente, porém, o quão ordinário e histórico pode ser um tal enganador. Estamos tão acostumados com a ideia e visão do verdadeiro Messias – na glória de Sua Divindade e Humanidade, de Suas ações sagradas e Paixão Divinal, de Sua Ressurreição, Ascensão e Realeza sobre o mundo e a Igreja – que

28 Suarez, ut supra, Disp. liv. s. 4; Lessius, Dem. vii. 21; Bellarm. ibid. c. xiv. s. 13. Vide também Greswell *on the Parables*, vol. i. 371, nota n.

não podemos conceber como um falso Cristo poderia ser aceito como o verdadeiro. É por essa razão que Nosso Senhor disse, sobre estes últimos tempos: "*Porque se levantarão falsos Cristos, e falsos profetas: Que farão grandes prodígios, e maravilhas tais, que (se fora possível) até os escolhidos se enganariam.*"[29] Mas, eles não serão enganados. Somente aqueles que perderam a fé na Encarnação – como os humanistas, racionalistas e panteístas – podem muito bem ser enganados por qualquer pessoa de grande poder político e sucesso, que devolveria aos judeus a sua própria terra, e povoasse Jerusalém, mais uma vez, com os filhos dos patriarcas. Portanto, não há nada no aspecto político do mundo que torne tal combinação impossível; na verdade, o estado da Síria e o rumo da diplomacia europeia, – que está continuamente se movendo para o Oriente – tornam tal evento uma probabilidade razoável.

4. As profecias, contudo, atribuem à pessoa do Anticristo um caráter mais preternatural.[30] Ele é descrito como um operador de falsos milagres. Diz-se que sua vinda será "*segundo a obra de Satanás em todo o seu poder, e em sinais e em*

---

29 S. Mat. xxiv, 24.

30 Bellarm. ibid. c. xv.; Lessius, ibid. x. 34; De Praecursoribus Antichristi, x. 37.

prodígios mentirosos, e em toda a sedução da iniquidade para aqueles que perecem."[31]

E, aqui, não posso deixar de perceber uma mudança prodigiosa, que aconteceu sobre o mundo. Meio século atrás, os homens que rejeitavam o cristianismo, consideravam a crença na bruxaria como superstição e nos milagres, uma tolice. Agora, o mundo se há despojado da fé dos cristãos, até mesmo por conta de sua credulidade. A Europa e a América estão inundadas de espiritismo. Não sei quantas centenas ou milhares de médiuns existem entre nós e o mundo invisível. Os próprios homens – que não permitiam que a bruxa de Endor, ou Elimas, o feiticeiro, passassem sem ridículo – acreditam, agora, em mesas que giram e batem; na clarividência e nas comunicações de espíritos evocados do mundo invisível; na psicografia e locomoção pelo ar, e na aparição de mãos e, mesmo, de pessoas. A revelação do estado dos mortos, dos segredos entre os vivos, os colóquios prolongados e repetidos com os defuntos, não são apenas cridos, mas praticados habitualmente e quase diariamente.

Ora, não é o meu intento, pelo menos não agora, apreciar esses fenômenos. Baste-nos dizer que

---

31 II. Tess. ii. 9, 10.

– para nós, que cremos em um mundo invisível, na presença e combate de espíritos, bons e maus – tais coisas não apresentam dificuldade. Não estamos dispostos a negar sua realidade, por causa da falsidade ou ilusão que com elas se confundem. Isso é precisamente o que a Igreja sempre condenou e proibiu, sob o nome de bruxaria – na qual existe uma verdadeira ação preternatural, cercada de muita impostura.

Detenho-me nesse ponto, porque é certo que estamos envolvidos por uma ordem sobrenatural, da qual parte é divina e parte diabólica. Não é de admirar que aqueles que rejeitam a ordem sobrenatural divina, tornem-se – imoderadamente – crédulos na diabólica. Ora, aí já temos uma preparação para o engano, sobre o qual escreve São Paulo. O tempo está maduro para uma ilusão. Não se crerá nos milagres dos santos, mas se beberá copiosamente dos fenômenos do espiritismo. Um médium de sucesso pode muito bem, por seus dotes sobrenaturais, fazer-se passar pelo prometido Messias, e *"sinais e prodígios mentirosos"* podem ser feitos em abundância, por agentes que já se encontram espalhados pelo mundo.

5. A última característica, de que falarei, é mais difícil, talvez, de se conceber. São Paulo diz do *"homem do pecado"*, *"filho da perdição, que se*

opõe, e se eleva sobre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, de sorte que se assentará no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus."[32] Essas palavras são interpretadas, pelos Padres, como significando que ele reivindicará, para si, honras divinas e isso no Templo de Jerusalém. Santo Irineu diz que *"o Anticristo, sendo apóstata e ladrão, alegará ser adorado como Deus"* e *"que se empenhará em se exibir como Deus"*;[33] Lactâncio, que *"se chamará Deus."*[34] O escritor, sob o nome de Santo Ambrósio, afirma: *"Ele se afirmará como Deus."* São Jerônimo: *"Ele se dará o nome de Deus e exigirá ser adorado por todos."*[35] São João Crisóstomo, *"Ele se declarará Deus de todos, chamará a si mesmo de Deus e se exibirá como Deus."*[36] Assim também, Teodoreto, Teofilato, Ecumênio, Santo Anselmo e muitos outros.[37]

Suárez, ao explicar essa passagem, diz: *"É provável que o Anticristo, de forma alguma, crerá em si mesmo, no que ensinará e obrigará os*

---

32 II. Tess. ii. 4.

33 S. Iren. lib. v. 29.

34 Lactantius, de divinis Institutionibus, lib. vii. c. 17.

35 S. Hieron. in Zach. c. xi.

36 S. Joan. Chrys. in S. Joan. Hom, xl.

37 Malvenda, lib, vii. c. 4.

outros a crerem. Pois, embora, no início, ele possa persuadir os judeus de que ele seja o Messias e enviado por Deus, e possa fingir que a lei de Moisés seja a verdadeira e deva ser observada, ainda assim ele fará tudo isso para dissimular, para enganá-los e obter o poder supremo. Porque, depois ele rejeitará a lei de Moisés, e negará o verdadeiro Deus que a deu. Razão pela qual muitos creem que ele, astuciosamente, destruirá a idolatria para enganar aos judeus." "Não podemos conjecturar com certeza quão grande será a sua perfídia, e no que ele realmente crerá a respeito de Deus. Mas é provável que ele será um ateu e negará tanto a recompensa quanto o castigo em uma outra vida, e somente terá veneração pelo ser preternatural, de quem ele aprendeu a arte do engano e adquiriu suas riquezas, com as quais obterá o poder supremo."[38]

Ora, é fácil entender como ele se oporá a Deus, sendo o antagonista de Cristo; e como ele se exaltará ou se elevará acima de tudo que é chamado Deus e adorado; porque, ao suplantar o verdadeiro Messias, ele se colocará no lugar do Deus Encarnado. Nem é difícil entender como aqueles, que perderam a ideia verdadeira e divina do Mes-

---

38 Suarez, in iii. p. S. Thomæ, Disp. liv. s. 4.

sias, podem aceitar uma falsa; e, deslumbrados com a grandeza de seus sucessos políticos e militares,[39] e inflados com as noções panteísticas e socinianas da dignidade do homem, podem prestar à pessoa do Anticristo a honra que os cristãos prestam ao verdadeiro Messias. Eu tenho tocado nesse ponto, porque São Paulo o põe com proeminência na descrição do Anticristo, e porque a tendência da crédula infidelidade, que aumenta no mundo à medida que a fé diminui, está visivelmente preparando os homens para tal engano coletivo.

É uma das mais impressionantes interpretações dos Padres, aquela de que, no fim do mundo, o paganismo será restaurado.[40] Isso, ao menos, deveríamos ter julgado impossível: se, por nenhuma outra razão, ao menos pelo desenvolvimento da infidelidade moderna. No entanto, a infidelidade nunca foi mais dominante do que quando, na primeira Revolução Francesa, a Revelação foi votada como falsa, e o culto da Razão e de Ceres, estabelecido em seu lugar.

Na verdade, quando os intelectuais se tornam panteístas, os simples se tornarão politeístas. Eles precisam de uma concepção mais material do que

---

39 S. Aug. in Psalm ix. tom. iv. 54.

40 Cornelius a Lapide in Apocal. c. xvii.

os incrédulos refinados, e eles personificam e dão corpo ao objeto de seu culto, primeiro em pensamento e, depois, na forma. E o que é isso, senão o paganismo puro e simples? Mas não posso me deter nesse assunto. No segundo livro da obra de Gaume, sobre a Revolução Francesa, especialmente nos capítulos 12, 13 e 14, será encontrado um relato amplo e detalhado do paganismo de cinquenta anos atrás. No *Catecismo da Religião Positiva*, sob o título de *"Culto Público e Privado"*, será vista uma elaborada profissão de culto religioso, dirigida à humanidade – o corpo coletivo de homens deificados, que é a base natural da religião da Grécia e Roma Antiga.

Bem, não digo que não possa haver fenômenos muito mais estupendos e preternaturais, sobre a manifestação e a pessoa do Anticristo. Toda a história nos levaria a esperar por isso; todas as profecias parecem predizê-lo; os grandes períodos de ação divina no mundo prenunciam isso. Meu intento não foi despojar o futuro, do sobrenatural, mas mostrar como o sobrenatural se mistura com o curso normal do mundo e nos assalta, por assim dizer, sem que o percebamos. *"O Reino de Deus não virá com mostras algumas exteriores."*[41] *E*

---

41 S. Luc. xvii. 20.

está no meio de nós, com plena presença e força, sob aspectos que nos parecem comuns e indeterminados, nas correntes da ação humana, nos movimentos nacionais, na política dos governos e na diplomacia do mundo. Assim como Cristo, na Sua vinda, era tido como o carpinteiro, da mesma forma o Anticristo deve ser, visivelmente, nada mais do que um empreendedor bem-sucedido. Mesmo o seu caráter preternatural, verdadeiro ou falso, pode parecer, aos olhos dos outros, como cintilações de insanidade, ou como absurdos de seus partidários, ou devaneios de seus aduladores. Assim o mundo cega os próprios olhos, pela fumaça de seu próprio orgulho intelectual.

Não seria nada estranho, ou contrário à natureza, se surgisse uma pessoa de sangue judeu, naturalizada em algum dos povos da Europa, um protetor dos judeus – que são os tesoureiros, jornalistas e fios condutores das revoluções na Europa. Seria saudado por eles, como seu salvador do domínio social e político dos cristãos, circundado da auréola de fenômenos do espiritismo anticristão e anticatólico, ele mesmo um "*arquimédium*", e professando ser maior que Moisés ou Maomé, isto é, além das medidas e proporções humanas.

Para aqueles que nunca discerniram a unidade

final, em princípio e ação – da verdade, de um lado, e da falsidade, do outro – e não fazem o mesmo com respeito ao bem e ao mal, pode parecer estranho atribuir muita importância a qualquer evento, cuja esfera pareça se confinar à raça judaica. Mas, para aqueles que acreditam que o mundo pode ser dividido em cristão e anticristão, ou católico e anticatólico, – ou, em outras palavras, na ordem natural, com base na mera vontade e ação humana, e na sobrenatural, com base na Vontade Divina e na Encarnação de Deus, – ele será percebido imediatamente como a questão mais vital e decisiva de todas.

Espero mostrar, a seguir, que o antagonismo entre duas pessoas é um antagonismo, também, entre duas sociedades. Se Nosso Divino Senhor é o Cabeça e Representante de toda a verdade e justiça do mundo, desde o início, assim também o Anticristo, seja ele quem for, será a cabeça e representante de toda a falsidade e erro. E estes têm se acumulado durante esses 1800 anos, nas heresias, cismas, sedições espirituais, infidelidades intelectuais, desordens sociais e revoluções políticas do movimento anticatólico do mundo.

Esse é o grande vulcão, sob o qual se encontra a sociedade cristã no mundo. De tempos em tempos, ele se eleva com um poder preternatural

e faz tremer e vacilar a ordem cristã da Europa. Então, de novo, ele pareceu se reduzir à calma. Entretanto, ninguém, com algum discernimento, pode deixar de ver que, agora, ele é mais profundo, mais poderoso e mais amplamente difundido do que nunca. Que este poder anticristão, um dia, encontrará sua cabeça e, por um tempo, prevalecerá neste mundo, é certo pela profecia. Isso, todavia, não pode ser, até que "*aquele que retém*" seja tirado do meio. Este, entretanto, é o próximo assunto em nossa ordem, e não devo antecipá-lo aqui.

3.ª CONFERÊNCIA



Et nunc quid detineat scitis, ut reveletur in suo tempore. Nam mysterium iam operatur iniquitatis: tantum ut qui tenet nunc, teneat donec de medio fiat.
(II. Thess. II. 6. 7.)

Antes de entrar em nosso terceiro assunto, permitam-me trazer-vos à memória os dois pontos que espero terem ficado bem estabelecidos, de tudo o que foi dito até aqui.

O primeiro ponto: vimos a revolta ou ruptura já verificada e manifesta na separação espiritual da Igreja e na oposição à sua autoridade e à sua voz divina. Essa operação pudemos traçar, desde o dia em que o Apóstolo disse: "*O mistério da iniquidade já de presente se obra*" e desde que São João declarou que os anticristos já se encontravam no mundo.

Outro ponto: vimos que o homem do pecado, o filho da perdição – o iníquo – é uma pessoa, com toda probabilidade, da raça judaica. Deve ser um suplantador do verdadeiro Messias e, portanto, um Anticristo no sentido de pôr a si mesmo em substituição do verdadeiro – um realizador de falsos milagres, que reivindicará para si um culto divino.

Ora, o terceiro ponto, sobre o qual devo falar agora, é o obstáculo que retarda a sua manifestação. O Apóstolo diz: *"Porque o mistério da iniquidade já de presente se obra; somente que aquele, que agora o retém"* (isto é, fica no caminho da revelação do homem do pecado) *"retenha, até"* (o momento em) *"que seja tirado do meio."* Como há uma operação perpétua desse mistério de iniquidade, há, também, um impedimento ou barreira perpétua à sua manifestação plena, que continuará até que seja removido; e há um tempo determinado em que este será retirado do caminho.

Nessa passagem, São Paulo usa duas expressões: ele fala do obstáculo *"que retém"* e *"quem retém"*. Refere-se a uma coisa e a uma pessoa: *το κατέχον e ο κατεχων*. À primeira vista, parece haver uma dificuldade, se o que impede a revelação do homem do pecado é uma pessoa ou

um sistema; num lugar, fala-se no neutro (gênero gramatical) como se fosse um sistema; no outro, fala-se no masculino (gênero gramatical), como se fosse uma pessoa.

Creio, pelo que disse até aqui, já ter insinuado uma solução para essa dificuldade aparente. Recordo que, brevemente, tracei o paralelo entre os dois mistérios da piedade e da iniquidade e suas respectivas cabeças. De fato, esse é o argumento de Santo Agostinho, ao esboçar os dois mistérios da piedade e da iniquidade, desde o início do mundo, sob o caráter das duas cidades – isto é, o Espírito de Deus e o espírito de Satanás – obrando, por uma operação múltipla, tanto nos servos eleitos de Deus, quanto nos inimigos de Deus e do Seu Reino. E, assim como o mistério da piedade se resume na pessoa e na Encarnação do Filho de Deus, o mistério da iniquidade se resume no homem do pecado, que se revelará a seu tempo. Da mesma maneira, também, aquilo que impede, ou aquele que impede, achará sua expressão tanto na forma de um sistema, quanto na de uma pessoa. E essa pessoa e esse sistema, devem ser identificados da mesma maneira, que os exemplos já aduzidos.

Em primeiro lugar, consideremos – mais especificamente – qual seja o caráter *"do tal iníquo"*,

ou Anticristo, que virá. A palavra usada por São Paulo, nesse lugar, significa "*o homem sem lei*" – aquele que não está sujeito à lei de Deus ou do homem – cuja única lei é a sua própria vontade, a única regra que ele conhece ou obedece. A palavra grega é ὁ ἄνομος, sem lei ou licencioso. Ora, no livro do profeta Daniel, há uma profecia – quase idêntica em termos – onde ele prediz que surgirá, nos últimos tempos do mundo, um rei "*que fará o que bem lhe aprouver*",[42] que exaltará a si mesmo acima de tudo que é chamado de Deus, que "*falará insolentemente contra o Excelso*".[43] Isso é quase, palavra por palavra, a profecia de São Paulo, o que nos mostra Paulo estar, literalmente, citando ou parafraseando a profecia de Daniel. Ora, visto que esse iníquo será uma pessoa sem lei – que introduzirá desordem, sedição, tumulto e revolução, tanto na ordem temporal quanto espiritual do mundo – então, aquilo que deve impedir seu desenvolvimento, e que será seu direto antagonista após a sua manifestação, deve ser, necessariamente, o princípio da ordem, a lei da submissão, a autoridade da verdade e do direito. Portanto, aqui obtemos o que posso chamar de um indício, que nos permite ver onde pode ser

42 Ou "prazer," Dan. xi. 16.

43 Dan. vii. 25.

encontrada essa pessoa, ou sistema, que se opõe, impede ou retém a revelação do homem do pecado, até que chegue o seu tempo.

Examinemos, então, as interpretações dos primeiros Padres sobre esse ponto. Tertuliano[44] acreditava que era o Império Romano. O grande poder da Roma pagã, espalhado por todo o mundo, era o grande princípio de ordem que, à época, mantinha a tranquilidade da terra.

Lactâncio,[45] que escreveu mais tarde, manteve exatamente a mesma opinião e acreditava que o Império Romano – que tranquilizou e deu ordem e paz às nações do mundo – impediu, assim, a revelação deste iníquo, deste homem do pecado. Tanto Tertuliano, quanto Lactâncio impunham, aos cristãos de seu tempo, o dever de rezar pela preservação do império pagão de Roma. Acreditavam ser ele a barreira material contra o rompimento do grande dilúvio de males, que viriam sobre o mundo quando Roma fosse destruída. Assim também ensinou São João Crisóstomo, entre outros.[46]

Outra interpretação, dada por Teodoreto, um escritor grego, é de que a graça do Espírito San-

---

44 Tertull. de Resur. Carnis, c. 24.

45 Divin. Inst. vii. 25.

46 Malvenda, lib. ii. c. 3.

to, ou o poder divino, restringe a manifestação ou revelação do homem do pecado.[47]

Novamente, outros escritores dizem que o tal impedimento é o poder apostólico, ou a presença dos Apóstolo. Como sabemos, por esta mesma Epístola aos Tessalonicenses, os cristãos esperavam uma rápida revelação da vinda de nosso Senhor para o juízo e, assim, uma rápida manifestação do homem do pecado. Acreditavam que a presença dos Apóstolos na terra, por seu testemunho e por seus milagres, impedia a plena manifestação do princípio da infidelidade e da rebelião espiritual.

Ora, essas três interpretações são, todas, parcialmente verdadeiras, e estão em perfeita harmonia uma com a outra. Veremos que, tomadas em conjunto, elas nos apresentam uma explicação completa e adequada. Já esses escritores, escrevendo em diferentes períodos da Igreja, não foram capazes de compreender – totalmente – a profecia, visto que os eventos do mundo estão contínua e progressivamente mostrando e explicando, de época em época, o sentido dessas profecias.

1. Em primeiro lugar, o poder do império pa-

---

47 Theodor. in 2 Ep. ad Thess. c. ii. 6.

gão de Roma foi, sem dúvida, a grande barreira contra a eclosão do espírito de desordem, sem lei. Como sabemos, ele era o princípio de unidade, pelo qual as nações do mundo eram reunidas. Organizou e combinou-as sob a autoridade de uma legislatura, de um poderoso executivo e de uma grande soberania, com uma jurisdição que brotava de uma fonte, administrada por tribunais em todo o mundo. A paz das nações foi mantida pela presença de exércitos permanentes; as legiões romanas ocupavam a circunferência do mundo. As estradas militares, que partiam de Roma, percorriam toda a terra. O mundo inteiro estava como que mantido em paz e tranquilidade, pela presença universal deste poderoso império pagão. Ele foi *"extremamente terrível"*,[48] de acordo com as profecias de Daniel; era como se fosse de ferro, dobrando e subjugando as nações, mantendo-as em estado de sujeição e, assim, como que com um cetro de ferro, dando paz ao mundo. Não há dúvida de que, enquanto o Império Romano continuasse em sua força, era impossível que o princípio da revolução e da desordem ganhasse ímpeto. Assim, estavam perfeitamente certos esses primeiros escritores cristãos, ao interpretarem-no

---

48 Dan. vii. 19.

como impedimento a esse espírito de desordem, esse espírito de ordem, de governo, de autoridade e de uma justiça férrea, que governou as nações do mundo.

2. Em segundo lugar, todavia, esse obstáculo não era o Império Romano, ou Roma somente. Esse obstáculo era o reino de Deus, que desceu sobre toda a terra e, a partir do dia de Pentecostes, espalhou-se por todas as partes do Império Romano, com uma autoridade superior à autoridade de Roma. São Leão dá o fundamento dessa interpretação. Ele diz: *"Para que o efeito desta graça inefável pudesse ser difundido por todo o mundo, ele preparou o império de Roma, a expansão do qual se estendeu até os limites que fazem fronteira com toda a família das nações. Pois foi uma preparação adequada para a obra divinamente disposta que muitos reinos fossem confederados em um império, de modo que a pregação universal do Evangelho penetrasse rapidamente nas nações, que o governo de uma cidade mantinha em união."*[49]

São Tomás, apoiando-se nessa passagem, diz que o Império Romano não cessou, mas mudou de temporal para espiritual, *commutatum de tem-*

49 S. Leão, Serm. lxxxii. t. i. p. 322.

porali in spiritale.[50] Domingos Soto mantém a mesma opinião.[51] Foi, pois, a Igreja Apostólica que – espalhando-se por todas as nações, já unidas pelo poder do império pagão de Roma – estimulou-lhes com uma nova vida, penetrou-lhes com um novo princípio de ordem, com um novo espírito da unidade; consagrou e transfigurou a unidade das forças materiais, pelas quais elas foram reunidas, dando-lhes um espírito, uma inteligência, uma lei, uma vontade, um coração; pela fé, que iluminou a inteligência de todas as nações, para conhecerem a Deus; pela caridade, que as unia na unidade de uma família; pela única fonte de jurisdição que brotou de nosso divino Senhor e, por meio de seus Apóstolos, governou toda a terra. Havia a única legislatura espiritual dos Apóstolos e seus sucessores.

Havia tribunais que ficavam ao lado dos tribunais de Roma. Assim, ao lado dos tribunais da força férrea, foram erguidos os tribunais da misericórdia divina. Esse novo princípio de ordem, de autoridade, de submissão e de paz entrou neste mundo, apoderou-se, por assim dizer, do poder material do antigo Império Romano, e o preencheu com uma nova vida do céu. Era o sal da

---

50 In 2 Ep. ad Thess. in locum.

51 In lib. lv. Sent. Distinc. xlvi. 1.

terra. Prolongou sua existência até certo período, que estava previsto nos desígnios de Deus. Portanto, é perfeitamente verdade que esse impedimento significa também o Espírito Santo; pois a Igreja de Deus é a presença do Espírito Santo, incorporado e manifesto ao mundo, no corpo visível daqueles que são batizados na unidade da Igreja de Jesus Cristo.

3. Assim, então, em terceiro lugar, significa algo ainda mais do que isso. Pois esses dois grandes poderes, espiritual e temporal – o poder temporal, no antigo império pagão de Roma e o poder espiritual, no novo reino sobrenatural de Deus – se reuniram. Eles coincidiam, por assim dizer, no terem a circunferência de seu domínio espalhado por todo o mundo; mas encontraram-se em seu centro, a cidade de Roma. Lá, ficavam, primeiro frente a frente, em conflito; depois, lado a lado, em paz. Lá, esses dois poderes formidáveis – um da terra e outro do céu, um da vontade do homem e o outro da vontade de Deus – encontraram-se, como se estivessem na arena de combate e, por trezentos anos, o Império de Roma martirizou os pontífices da Igreja de Deus. Durante trezentos anos, o Império Romano esforçou-se para extinguir esse novo e estranho visitante, vindo com uma jurisdição superior e com um projeto mais

amplo. Esforçou-se para destruí-lo, para sufocá-lo em seu próprio sangue; por trezentos anos, lutou em vão. Quanto mais a Igreja era martirizada, mais se multiplicava a semente dos mártires. A Igreja expandiu-se e cresceu com vigor, força e poder, na mesma proporção em que o Império pagão de Roma lutava para extingui-la e destruí-la.

E esse poderoso conflito, entre as duas soberanias, finalmente terminou com a conversão do império ao cristianismo – com a entronização da Igreja de Deus e com o reconhecimento de sua supremacia, sobre os poderes de todo o mundo. Assim, o direito teve poder e supremacia sobre a força, e a autoridade divina prevaleceu sobre a autoridade do homem. Então, esses dois poderes foram combinados e fundidos: eles se tornaram uma grande autoridade, o imperador governando, desde seu trono, dentro da esfera de sua jurisdição terrena, e o Sumo Pontífice governando, igualmente, desde um trono mais elevado, sobre as nações do mundo. Assim foi, até que Deus, em Sua Providência, removeu o império da cidade de Roma e o plantou nas margens do Bósforo. Partiu para o Oriente e deixou Roma sem um soberano. Roma, desde aquele momento, nunca mais teve, habitando dentro de seus muros, um soberano temporal, na presença do Sumo Pontífice. Aquela

soberania temporal foi, providencialmente, entregue à pessoa do Vigário de Jesus Cristo.

É verdade, de fato, que nos três séculos – entre a conversão de Constantino e o período de São Gregório Magno – três séculos de turbulência e desordem, invasão e guerra, pelos quais a Itália e Roma foram afligidas – o poder temporal do Sumo Pontífice estava apenas no início. Todavia, por volta do século VII, este poder foi, firmemente, estabelecido. Dessa forma, o que a Divina Providência havia preparado, desde o princípio, recebeu, então, sua plena manifestação. Assim, o poder material, que uma vez reinou em Roma, foi consagrado e santificado pela investidura do Vigário de Jesus Cristo, com sua soberania temporal sobre a cidade onde ele residia.

Começou a criar-se, em toda a Europa, a ordem da civilização cristã, os impérios cristãos, as monarquias cristãs, que – confederadas – têm mantido a paz e a ordem no mundo, desde aquele momento até os dias de hoje. O que chamamos de Cristandade, isto é, a grande família das nações cristãs, raças cristãs organizadas e unidas com seus príncipes e senados, por leis internacionais, contratos mútuos, tratados, diplomacia e semelhantes. Vinculados em um único corpo compacto, – o que é isso, senão a segurança do mundo

contra a desordem, turbulência e ilegalidade? E, então, por estes mil e duzentos anos, a paz, a perpetuidade e a fecundidade da civilização cristã da Europa deveu-se, unicamente – no que toca aos seus princípios – a essa consagração do poder e da autoridade do grande Império de Roma – assumido nos tempos antigos, perpetuado, preservado, como disse, pelo sal que foi aspergido do céu e continuou, na pessoa do Sumo Pontífice, e na ordem da civilização cristã, da qual ele foi o criador.

Chegamos, agora, perto de uma solução para o que afirmei no início, a saber, como o poder que impede a revelação do iníquo, não é somente uma pessoa, mas também um sistema; e não somente um sistema, mas também uma pessoa. Em uma palavra, é a Cristandade e sua Cabeça. Logo, na pessoa do Vigário de Jesus Cristo e naquela dupla autoridade com a qual, pela Divina Providência, ele foi investido, vemos o antagonista direto ao princípio da desordem. O iníquo – que não conhece nenhuma lei, humana ou divina, nem obedece a nada, senão à sua própria vontade – não tem antagonista mais direto sobre a terra, além do Vigário de Jesus Cristo. Possuindo, ao mesmo tempo, o caráter de realeza e de sacerdócio, representa os dois princípios de ordem, no estado

temporal e espiritual – o princípio da monarquia, se quiserem, ou de governo – e o princípio da autoridade apostólica.

Encontramos, pois, as três interpretações, que extraí dos Santos Padres, literalmente verificadas nisso. No lento curso do tempo, à medida que crescia e amadurecia a obra dos Apóstolos, surgiu o que chamamos de Cristandade, cumprindo – ao pé da letra – as profecias, manifestando aquilo que o Apóstolo havia dito, anteriormente, sobre o que impediria o desenvolvimento desse princípio de anarquia, e a revelação da pessoa que deveria ser seu chefe.

O que, então, neste momento, mantém em xeque a manifestação desse poder anticristão, e a pessoa que o exercerá? É o remanescente da sociedade cristã, que ainda existe no mundo. Só pode haver duas sociedades: uma, natural e a outra, sobrenatural. A sociedade natural é aquela ordem política que vem da vontade do homem, sem relação com a revelação ou a Encarnação de Deus. A sociedade sobrenatural é a Igreja, compreendendo aquelas nações que, ainda, sendo penetradas pelo espírito da fé e da unidade católica, são verdadeiras e fiéis aos princípios, sobre os quais a cristandade foi constituída pela primeira vez.

Desde a fundação da Europa cristã, a ordem política do mundo repousa sobre a Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por essa razão, todos os atos públicos de autoridade – e, até mesmo, o calendário, pelo qual datamos nossos dias – são calculados a partir do ano da salvação, ou do *"ano de Nosso Senhor"*. Qual é o significado desta frase, senão este: o estado e a ordem, em que vivemos, baseiam-se na Encarnação; o cristianismo é o nosso alicerce; reconhecimento das leis reveladas por Deus e entregues ao Seu Filho Encarnado – e, pelo Filho Encarnado, aos Apóstolos; e, pelos Apóstolos, ao mundo, como os primeiros princípios de toda legislação cristã e de toda a sociedade cristã.

Ora, essa sociedade baseada na Encarnação é o estado em que vivemos até o presente. Creio que estamos nos afastando dela e isso ocorre em todo o mundo civilizado. Na Inglaterra, a religião foi banida da política. Em muitos países – como a França e, agora, a Áustria – é declarado, por ato público, que o Estado não tem religião, que todas as seitas são, igualmente, participantes da vida política e do poder político da nação. Neste momento, uma grande parte de cada nação, inclusive da França e da Áustria, é composta por aquela raça que nega a vinda de Deus na carne, isto é,

que nega a Encarnação.[52] Não é minha tarefa argumentar, aqui, contra sua admissão aos direitos políticos; pelo contrário, até sustentaria que – se não houvesse outra ordem, senão a natural – seria uma injustiça política excluir qualquer um da raça de Israel, da participação política com direitos iguais. Defendo, também, que – no momento em que se concede igualdade de direitos aos que negam a Encarnação – a vida social e a ordem, em que se vive, sai da base religiosa, para descer ao nível da mera natureza. Isso é, precisamente, o que foi profetizado sobre o período anticristão.

Já vimos que a terceira e especial nota do Anticristo é a negação da Encarnação. Se as nações do mundo foram constituídas pela fé, com base na Encarnação, então o ato nacional – que admite à unidade social e política aqueles que a negam – é, realmente, uma redução da ordem sobrenatural de nossa vida social, ao nível da ordem natural. Ora, é precisamente isso o que vemos cumprir-se

---

52 Na versão italiana de 1962 consta o antônimo, uma pequena parte (*piccola parte*), que seria mais exata, caso a expressão se refira aos judeus enquanto população, já que nesses países são minoria. Por outro lado, como a expressão grande parte (*large portion*) foi conservado na edição inglesa revista e aumentada de 1880 e como tal porção pode ser entendida no sentido de sua influência sobre esses países, mantive no texto o sentido original. [N. do T.]

hoje. Não me proponho agora – repito – opor-me a essa igualdade; vejo, porém, em todos esses fatos, a verificação da referida profecia.

Grande é a miséria de um povo que perdeu a fé na Encarnação de tal maneira, que é necessário abandonar a ordem cristã, instituída pela providência de Deus. Ainda assim, essa é a situação do mundo e, para tanto, estamos avançando rapidamente.

Dizem que o vulcão Etna tem cento e sessenta crateras. Além das duas enormes bocas que – juntas, formam a imensa cratera que recebe esse nome – ele está, por todos os lados, repleto de canais e de bocas. Dele, em séculos passados, ocorria – de tempos em tempos – a erupção de lava. Não consigo encontrar, neste momento, melhor ilustração para o estado da Cristandade. A Igreja de Deus repousa sobre a base da sociedade natural, sobre os fundamentos do antigo Império Romano, sobre a civilização das nações pagãs do mundo. Civilização essa, que – por um tempo – foi consagrada, consolidada, preservada, elevada, santificada, transformada, pela ação da fé e da graça. A Igreja de Deus ainda se apoia nessa base. Debaixo dela, no entanto, está operando continuamente, o mistério da iniquidade, que – já de presente – obrava no tempo dos Apóstolos, e –

neste momento – está culminando em sua força e ganhando ascendência.

O que foi – pergunto eu – a Revolução Francesa de 1789, com todo o seu derramamento de sangue, blasfêmia, impiedade e crueldade, em toda a máscara de seu terror e de seu cinismo? Que coisa foi, senão, uma erupção do espírito anticristão – a lava saída debaixo da montanha? E o que foi a insurreição em 1830 e 1848, senão, precisamente, o mesmo princípio do Anticristo, operando sob a sociedade cristã, forçando seu caminho em direção à superfície? No ano de 1848, ele abriu simultaneamente suas muitas bocas em Berlim, em Viena, em Turim, em Florença, em Nápoles e na própria Roma. Em Londres, ele se ergueu e lutou; mas sua hora ainda não tinha chegado. O que é tudo isso senão o espírito de anarquia? Levantou-se contra Deus e o homem – o princípio do cisma, heresia e infidelidade – fundindo-se em uma massa e derramando-se por onde faz caminho, abrindo brechas para o seu fluxo, onde se debilite a sociedade cristã. E isso, como tem durado por séculos, assim continuará, até que chegue o tempo em que *"aquele que retém... seja tirado do meio."*

Já analisamos o que impede a ascendência desse princípio de desordem. Agora, visivelmen-

te, esse impedimento, ou barreira, enfraquece a cada dia, até mesmo na razão. As convicções intelectuais dos homens estão ficando mais fracas; a civilização cristã e católica está cedendo, ante a civilização material e natural, que encontra sua perfeição suprema na mera prosperidade material. E admite, dentro de sua esfera, pessoas de todas as castas, ou crenças, com base no princípio de que a política não tem nada a ver com o mundo vindouro. Nem que o governo das nações é simplesmente para seu bem-estar temporal, para a proteção das pessoas e da propriedade, para o desenvolvimento da indústria e para o avanço da ciência. É, apenas, para o cultivo da ordem natural. Tal é a teoria de civilização que a cada dia adquire força maior. A piedade católica também está tornando-se cada vez mais fraca. Nações, – que, ainda, se chamam católicas – em que, dificilmente, pode-se calcular o número dos frequentadores dos Santos Sacramentos, com relação ao restante da população, conforme as palavras de nosso Divino Senhor: "*Porquanto multiplicar-se-á a iniquidade, a caridade de muitos esfriará.*"[53] Novamente, a sociedade cristã está enfraquecendo-se cada vez – ou seja, o verdadeiro espírito

53 S. Mat. xxiv. 12.

cristão e o princípio da sociedade.

O falecido M. de Tocqueville, pelo que me consta, não teve nenhuma intenção de verificar ou estabelecer o que estou dizendo e escrevendo sobre a democracia na América. Aponta, tão somente, o fato de que a tendência de todos os governos do mundo – e de todas as nações da terra – pende para a democracia. Isso equivale à diminuição e exaustão dos poderes do governo, e ao desenvolvimento da licença da vontade popular, de modo a transformar toda a lei na vontade da multidão. Ele ressalta que, na França, em cada meio século sucessivo, uma dupla revolução levou a sociedade mais para frente, em direção à democracia; que os mesmos fenômenos podem ser vistos em todo o mundo cristão. "*Em todos os lugares*", diz ele, "*vimos os vários incidentes na vida dos povos virarem em benefício da democracia; todos os homens a ajudaram em seus esforços: os que tinham em vista contribuir para o seu sucesso e os que não sonhavam em servi-la; aqueles que lutaram por ela, e mesmo aqueles que se declararam seu inimigo; todos foram arrastados apressadamente para o mesmo caminho, e todos trabalharam juntos, alguns apesar de si mesmos, outros sem querer, como instrumentos cegos nas mãos de Deus... Todo esse livro*

foi escrito sob a impressão de uma espécie de temor religioso produzido na mente do autor ao ver essa revolução irresistível, que por tantos séculos avançou sobre todos os obstáculos e que ainda hoje vemos progredir através de todas as ruínas que produziu."[54] É curioso colocar lado a lado, com isso, as palavras de Santo Hipólito, escritas no século III, afirmando que, no fim do mundo, o Império Romano passará *"em democracias"*.[55]

Outro escritor, um espanhol de grande gênio e também de grande fé, que recentemente faleceu como embaixador em Paris, Donoso Cortés, ao descrever o presente estado social, disse que a sociedade cristã estava fadada a perecer, que deve seguir seu curso e extinguir-se; pois os princípios, que ora estão em voga, são essencialmente anticristãos. Ele extraiu o que há de mais manifesto na história das nações neste momento, a saber, um enfraquecimento do princípio da ordem eclesiástica, em todos os lugares. Assim, onde enfraquece o poder da Igreja sobre uma nação, em maior grau se desenvolve o poder temporal; nada é mais certo do que o prevalecimento do despotismo temporal. Especialmente naqueles

54 De la Démocratie en Amérique, par Alexis de Tocqueville, vol. i. Introduction, pp. 8, 9.

55 De Antichristo, xxvii.

países, onde o poder da Igreja diminui, e a única segurança para a liberdade, entre as raças da humanidade, encontra-se na própria liberdade da Igreja e em sua ação livre sobre o governo civil.

Ele diz: "*...dando por fenecido o império da fé, e proclamando a independência da razão e da vontade do homem, [a sociedade] tem convertido o mal que era relativo, excepcional e contingente, em absoluto, universal e necessário. Este período de rápido retrocesso começou na Europa com a restauração do paganismo literário, o qual produziu, umas depois das outras, as restaurações do paganismo filosófico, do paganismo religioso e do paganismo político. Hoje o mundo está em vésperas da última destas restaurações: a restauração do paganismo socialista.*"[56]

Em outro lugar, ele escreve: "*A sociedade europeia está moribunda. As suas extremidades já estão frias: logo estará frio, também, o seu coração. E vós sabeis porque ela está por morrer? Está moribunda porque foi envenenada, porque Deus lhe deu, por nutrimento, a substância da verdade católica, e os doutores empíricos lhe deram, por alimento, a substância do racionalismo: ela está morrendo porque, do mesmo modo que o*

56 Lettre à M. de Montalembert, 4 juin 1849, Œuvres, vol. i. p. 354.

homem não vive somente de pão, mas de toda a palavra que a boca de Deus lhes faz ouvir, assim também a sociedade não perece só pela espada, mas também por toda a palavra que se formula na boca de seus filósofos. Ela está moribunda, porque o erro lhe mata, porque o seu fundamento é agora o erro. Sabei, portanto, que tudo o que vós tendes por incontroversível, é falso.

"Tal é a força vital da verdade, que se vós tivésseis uma, uma só, ela vos salvaria. Mas a vossa queda é tão profunda, o vosso declínio é tão radical, a vossa cegueira tão completa, tão absoluta a vossa nudez, que nem ainda uma só verdade possuís. Por isso a catástrofe que se avizinha não terá igual na história. Os indivíduos poderão, todavia, salvar-se, porque sempre podem salvar-se os indivíduos; mas a sociedade está perdida, não porque se encontra em um estado de radical impossibilidade, mas porque não quer salvar-se. Não há esperança de salvação pela sociedade, porque nós não queremos que os nossos filhos sejam cristãos, porque não somos verdadeiros cristãos nós mesmos. Não há esperança de salvação pela sociedade, porque o espírito católico, o único espírito de vida, não o infunde o todo em suas partes: ele não o infunde na educação, no governo, nas instituições, nas leis,

na moral. Mudar o estado das coisas, nas condições atuais, bem vejo que seria uma empresa de gigantes. Não há força sobre a terra que possa alcançar esse fim, dificilmente o poderiam realizar todos os poderes reunidos. Deixo-vos julgar se uma tal cooperação seja possível e, se não for, até que ponto o seja: Deixo a vós também decidir se, ainda que admitida essa possibilidade, a salvação da sociedade não deveria realmente dizer-se um verdadeiro milagre."[57]

Assim, o último ponto sobre o qual devo falar é este, que a barreira ou obstáculo à anarquia existirá até que seja tirado do meio. Agora, qual é o significado das palavras, até que "*seja tirado do meio*"? Quem deve tirá-lo do meio? Deverá ser tirado do meio pela vontade do homem? Será tirado do meio, pela mera casualidade dos eventos? Certamente, esse não é o significado. A barreira, que impedia o desenvolvimento do princípio da desordem anticristã, tinha sido o poder de Jesus Cristo, Nosso Senhor, incorporado pela Igreja, conduzida pelo seu Vigário. Desse modo, nenhuma mão é poderosa o bastante, e ninguém será capaz de tirá-lo do caminho, exceto a mão e a vontade do Filho Encarnado de Deus.

---

57 Polémique avec divers Journaux de Madrid, vol. i. 574-576.

Portanto, a interpretação dos Santos Padres, com a qual comecei, é completa e literalmente exata. É o poder divino – primeiro na Providência e, depois em Sua Igreja – e, então, ambos fundidos e continuando até que chegue o tempo: profetizado e preordenado, no qual será removida a barreira. Então, será permitida uma nova dispensação de Sua sabedoria sobre a terra. Mas, a respeito dela, falarei em meu último discurso.

Agora, gostaria que observassem uma notável analogia: a história da Igreja e a história de nosso Senhor sobre a terra correm como que em paralelo.

Por trinta e três anos, o Filho de Deus esteve no mundo e nenhum homem poderia lançar sua mão contra ele. Nenhum homem poderia apanhá-Lo, porque a sua *"hora ainda não chegou."* Havia uma hora pré-determinada, em que o Filho de Deus deveria ser entregue nas mãos dos pecadores. Ele sabia disso. Ele a tinha profetizado. Manteve Seu destino em Suas próprias mãos, pois estava protegido pelo círculo de Seu próprio poder divino. Nenhum homem poderia atravessar aquele círculo de onipotência, até que chegasse a sua hora, quando – por Sua própria vontade – Ele abrisse caminho para os poderes do mal. Por essa razão, disse no horto, *"Esta é a vossa hora,*

e o poder das trevas."[58] Por esta razão, antes de entregar-Se nas mãos dos pecadores, exerceu – mais uma vez – a majestade de Seu poder. Quando vieram para tomá-lo, Ele se ergueu e disse: *"Eu sou"*[59] e eles *"recuaram para trás, e caíram por terra."* Tendo vingado Sua majestade divina, entregou-Se nas mãos dos pecadores. Assim também disse Ele, quando se apresentou a Pilatos: *"Tu não terias sobre mim poder algum, se ele não te fora dado lá de cima."*[60] Era a vontade de Deus; foi uma concessão do Pai, que Pilatos tivesse poder sobre Seu Filho Encarnado. E, de novo, Jesus disse: *"Acaso cuidas tu que eu não posso rogar a meu Pai, e que ele me não porá aqui logo prontas mais de doze legiões de Anjos? Como se poderão logo cumprir as Escrituras, que declaram que assim deve suceder?"*[61] Da mesma forma acontecerá com Sua Igreja.

Até chegar o tempo, em que a barreira deverá, pela Vontade Divina, ser tirada do caminho, ninguém poderá lançar sua mão contra ela. As portas do Inferno poderiam mover guerra contra ela. Pode-se lutar, como o fazem agora, contra o

---

58 S. Lucas xxii. 53.

59 S. João xviii. 5.

60 S. João xix. 11.

61 S. Mat. xxvi. 53, 54.

Vigário de Nosso Senhor, mas não têm o poder de mover um passo a mais, até que chegue a hora em que o Filho de Deus permitirá, por um tempo, que os poderes das trevas prevaleçam. Ele permitirá que prevaleçam por um tempo, e isso se apoia no livro da profecia. Quando o impedimento for tirado, o homem do pecado será revelado; então, virá a perseguição dos três anos e meio – curta, mas terrível – durante a qual, a Igreja de Deus retornará ao seu estado de sofrimento, como no começo. A imperecível Igreja de Deus – pela sua inextinguível vida derivada do lado aberto de Jesus – resistindo, durante três séculos, em meio ao sangue – viverá, ainda, durante as chamas do tempo do Anticristo.

Essas coisas estão se cumprindo depressa, e é bom, para nós, mantê-las diante de nossos olhos: os sinais precursores do Anticristo já começaram a se manifestar: o enfraquecimento da autoridade do Santo Padre; o assassinato de seus exércitos, a invasão de seus Estados; a traição daqueles que estão mais perto dele, a tirania daqueles que são seus filhos; a alegria, a exultação, o júbilo dos países e governos protestantes; o desprezo, o insulto, a zombaria, que se derramam sobre sua cabeça sagrada e ungida, todos os dias na Inglaterra.

E há católicos que se escandalizam com isso;

há católicos que falam contra o poder temporal do Papa. Isso porque são aturdidos pelos clamores dos protestantes, ou são covardes e não têm a coragem de enfrentar uma mentira popular, em prol de uma verdade impopular. O espírito da Inglaterra protestante – a sua licença, o seu orgulho, o seu desprezo, a sua hostilidade contra a Igreja de Deus – também fez os católicos terem um coração de gelo, mesmo quando o Vigário de Cristo é insultado. Temos, pois, a necessidade de estar bem em guarda. Deve acontecer, mais uma vez, com alguns, aquilo que ocorreu quando o Filho de Deus estava em sua Paixão: viram-no traído, preso, amarrado, abatido, golpeado, de olhos vendados e açoitado; viram-no carregar Sua Cruz para o Calvário e lá O pregaram e elevaram, para o desprezo do mundo. E até disseram: "*...se ele for o Rei de Israel, desça agora da cruz, e nós creremos nele.*"[62]

Assim, da mesma forma, dizem eles agora: "*Vede a Igreja Católica, esta Igreja de Deus, débil e frágil, rejeitada até mesmo pelas nações ditas católicas. Vede a França católica, a Alemanha católica, a Sicília católica e a Itália católica, abrindo mão da falácia do poder temporal do Vi-*

62 S. Mat. xxvii. 42.

gário de Jesus Cristo." E assim, porque a Igreja parece fraca e o Vigário do Filho de Deus está renovando, em si, a Paixão de seu Mestre sobre a terra, nós ficamos escandalizados, dele afastamos a nossa face. Então, onde é que está a nossa fé? Entretanto, o filho de Deus predisse essas coisas quando falou: *"E eu vo-lo disse agora, antes que suceda, para que, quando suceder, o creiais."*[63]

---

63 S. João xiv. 29.

4.ª CONFERÊNCIA



Et tunc revelabitur ille iniquus, quem Dominus Iesus interficiet spiritu oris sui, et destruet illustratione adventus sui eum. (II. Thess. II. 8.)

Antes de entrarmos no último assunto restante, retomemos a conclusão da conferência precedente. Era o seguinte: existem na terra dois grandes antagonistas – de um lado, o espírito e o princípio do mal; e, de um outro lado, o Deus Encarnado, manifesto em Sua Igreja, mas, eminentemente, no seu Vigário – seu representante, depositário de suas prerrogativas e, por conseguinte, a sua testemunha pessoal, que fala e governa em Seu Nome.

O ofício do Vigário de Jesus Cristo contém, em plenitude, as prerrogativas divinas da Igreja: pois, sendo o representante especial da Divina Cabeça, todos os poderes Dela – que podem ser

comunicados – ele, só e exclusivamente, pode possuí-los sobre a terra, para o governo geral da Igreja. Os outros bispos e pastores, unidos e agindo em subordinação, não podem atuar sem ele. O Papa, sim, pode agir sozinho, possuindo uma plenitude de poder em si mesmo. Além disso, os dons do corpo são prerrogativas da cabeça; e, portanto, os dons – que descendem da Cabeça Divina da Igreja sobre todo o corpo místico – estão centrados na cabeça daquele corpo sobre a terra. Por isso, faz as vezes do Verbo Encarnado, como ministro e testemunha do Reino de Deus, entre os homens. Ora, é contra essa pessoa que o espírito do mal e da falsidade, de forma eminente e principal, como disse antes, dirige seu ataque; pois, se a cabeça do corpo for ferida, o próprio corpo deve morrer. *"Firam o pastor, e o rebanho se dispersará"* é a velha astúcia do Maligno, que feriu o Filho de Deus para que pudesse dispersar o rebanho.

Mas essa artimanha foi tentada, e sempre falhou; pois, na morte que abateu o Pastor, o rebanho foi redimido: embora o pastor – que foi constituído no lugar do Filho esteja abatido – o rebanho não pode mais se dispersar. Há trezentos anos, o mundo se esforça para arruinar a linhagem dos Soberanos Pontífices, mas o rebanho

nunca se dispersou: e assim deve ser até o fim. No entanto, é contra a Igreja de Deus e, principalmente contra Sua Cabeça, que todos os espíritos das trevas, em todos os tempos, sobretudo no presente, dirigem as flechas de sua inimizade. Consequentemente, vemos o que impede a manifestação, a supremacia e o domínio do espírito do mal e da desordem sobre a terra: a ordem constituída da Cristandade.

Em outras palavras, a sociedade sobrenatural – da qual a Igreja Católica tem sido a criadora, o vínculo de união e o princípio de conservação – e a cabeça daquela Igreja, que é, eminentemente, o princípio da ordem – o centro da sociedade cristã, que une as nações do mundo na paz. Ora, o assunto que nos resta tratar é muito mais difícil. Atinge o futuro e lida com agentes tão transcendentes e misteriosos, que tudo o que me aventurarei a fazer, será esboçar, em linhas gerais, quais são as profecias apresentadas, de forma ampla e luminosa, especialmente no livro de Daniel e do Apocalipse; sem – contudo – tentar entrar em detalhes minuciosos, que só podem ser interpretados pelo evento.

Além disso, como disse no início, não farei nada, exceto sob a orientação direta da teologia da Igreja e de escritores cujas obras gozam de sua

aprovação. Como até aqui nada aventei de mim mesmo, então até o fim seguirei pelo mesmo curso.

Logo, o que tenho para dizer refere-se à perseguição do Anticristo e, finalmente, sua destruição.

Em primeiro lugar, comecemos com o capítulo vinte e quatro do santo Evangelho, segundo São Mateus, no qual lemos o que disse nosso Divino Senhor, ao contemplar os edifícios do Templo: *"Não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja destruída."* E Seus discípulos, quando Ele estava no Monte das Oliveiras, vieram a Ele em particular e disseram: *"Dize-nos qual sinal haverá da Tua vinda, e da consumação do século?"* Eles entendiam que a destruição do Templo de Jerusalém e o fim do mundo, deveriam fazer parte de uma mesma ação e ocorrer ao mesmo tempo. Ora, como em a natureza, vemos – de longe – as montanhas comprimidas, umas contra as outras, de modo que toda a cadeia parece ter apenas uma forma.

Assim, nos eventos da profecia, há – aqui – também dois eventos diferentes, que parecem ser um só: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo. Nosso Divino Senhor prosseguiu, dizendo-lhes que haveria uma tribulação como nunca antes existira; e que, não fossem aqueles dias abreviados, nenhum homem se salvaria; que, por

causa dos eleitos, aqueles dias seriam abreviados; que reino se levantaria contra reino e nação contra nação, e haveria guerras e pestes e carestia em diversos lugares; que os irmãos dariam a morte aos seus próprios irmãos,[64] que eles deveriam ser perseguidos por causa do Seu Nome, que todos os homens os odiariam; que eles deveriam ser condenados à morte e que falsos Cristos e falsos profetas se levantariam e seduziriam a muitos, isto é, deveriam vir falsos mestres, pretensos Messias; e que, no meio de todas essas perseguições, Ele mesmo viria para o Juízo – de modo que, assim como o relâmpago, que vem do leste e aparece até o oeste, assim também será a vinda do Filho do Homem.

Nessa resposta, nosso Divino Senhor falou de dois eventos – um, a destruição de Jerusalém; e o outro, o fim do mundo. Um já se cumpriu, o outro ainda está por vir. Este capítulo de São Mateus nos dará uma chave para a interpretação do Apocalipse. Esse livro pode ser dividido em quatro partes.

A primeira parte descreve a Igreja na terra, sob as sete Igrejas para as quais as mensagens foram enviadas por nosso Divino Senhor. Elas repre-

---

64 S. Mar. xiii.

sentam, como uma constelação, toda a Igreja na terra.

A segunda parte se relaciona com a destruição do judaísmo e a derrubada do povo judeu.

A terceira parte refere-se à perseguição da Igreja pela cidade pagã de Roma, e à sua derrubada.

A quarta e última parte refere-se à paz da Igreja sob a figura da Jerusalém celestial, descendo do céu e habitando entre os homens.

Muitos intérpretes, especialmente dos tempos antigos e, também, escritores como Bossuet e outros de uma data posterior, supuseram que as profecias do Apocalipse, com exceção apenas dos últimos capítulos, teriam se cumprido pelos eventos que ocorreram nos primeiros seis séculos, ou seja, a destruição de Jerusalém, a perseguição da Igreja e a destruição da Roma pagã. Mas é a natureza da profecia desenvolver-se gradualmente.

Como disse das montanhas – comprimidas à nossa vista, ao estarmos longe, mas, quando nos aproximamos delas e rodeamos sua base, começam, por assim dizer, a desembaraçar os seus contornos e a revelar-se como muitas e distintas. Assim é com os eventos da profecia. A ação do mundo se move em ciclos; isto é, como diz o sá-

bio, *"o que foi será"* e *"não há nada de novo sob o sol"*; e aquilo que vimos no início, a profecia declara que acontecerá mais uma vez no fim do mundo. Nas quatro divisões do Livro Apocalipse, vimos três agentes principais: a Igreja, os judeus e uma potência perseguidora, que era a Roma pagã.

Ora, esses três agentes existem, neste momento, sobre a terra. Ainda há a Igreja de Deus; há o antigo povo de Deus, a raça judaica, ainda preservada, como já vimos, por uma providência misteriosa, para alguma instrumentalidade futura; e há, em terceiro lugar, a sociedade natural do homem sem Deus, que assumiu a forma do paganismo da antiguidade, e que assumirá a forma de infidelidade nos últimos dias. Esses três são os agentes fundamentais da história do mundo moderno: primeiro, a sociedade natural da humanidade; a seguir, a dispersão do povo judeu; e, em terceiro lugar, a Igreja universal. Os dois últimos são os únicos corpos que se infiltram em todas as nações e têm uma unidade distinta e independente delas. Eles têm um poder maior do que qualquer nação e são antagonistas mortais e imutáveis.

Ora, a Igreja já teve de sofrer duas perseguições, uma das mãos dos judeus e outra também das mãos dos pagãos; então, os escritores dos primeiros tempos, os Padres do Oriente e do Oci-

dente, predisseram que, na última era do mundo, a Igreja terá que passar por uma terceira perseguição, mais amarga, mais sangrenta, mais completa e mais ardente do que qualquer que se tenha sofrido até agora. E virá das mãos de um mundo infiel, que se revoltou contra o Verbo Encarnado. Portanto, o Livro Apocalipse, como a profecia de São Mateus, revela dois eventos, ou duas ações. Existe o evento que é passado, o tipo e a sombra do evento por vir; e existe o evento que ainda é futuro, por realizar-se no fim do mundo. E todas as perseguições que já ocorreram até agora, não são mais do que as precursoras e os tipos da última perseguição que virá.

Já vimos o paralelo dos dois mistérios: o da impiedade e o da piedade; e também o paralelo das duas cidades: a Cidade de Deus e a cidade deste mundo. Resta outro paralelo que devemos examinar, para deixar claro o que devo dizer em seguida.

Lemos, no Livro Apocalipse, sobre duas mulheres. Há uma mulher vestida de sol e uma mulher sentada sobre um animal, coberto com nomes de blasfêmia. Ora, é claro que essas duas mulheres – como os dois mistérios e as duas cidades – representam novamente dois espíritos antagônicos, dois princípios opostos. No décimo segundo

capítulo do Livro do Apocalipse, lemos sobre a mulher *"vestida de sol"*, tendo *"a lua sob os seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas"*. Nenhum católico se perderá na interpretação dessas palavras; e, mesmo os intérpretes protestantes, para evitarem ver a imaculada Mãe de Deus nesta mulher vestida de sol, dizem-nos que ela significa a Igreja. Nisso eles estão perfeitamente certos, só que falam apenas de meia-verdade.

A mulher tipifica ou simboliza a Igreja; por essa razão, o símbolo da Igreja é a Encarnação, a mulher com o filho; o símbolo da Encarnação é a Mãe de Deus. Por outro lado, não precisamos ir muito longe. para encontrar a interpretação da mulher que se senta sobre a besta com nomes de blasfêmia, pois o último versículo do capítulo dezessete diz: *"E a mulher que viste, é a grande Cidade que reina sobre os reis da terra."* Então, está bastante claro que há um antagonismo entre essas duas mulheres – a Igreja sob o símbolo da Encarnação, e a grande Cidade, a cidade de Roma, com as sete colinas, que tem o império sobre os reis da terra.

Agora, tenhamos com clareza essa distinção em nossa mente, porque esses intérpretes, imbuídos do espírito de controvérsia, ficaram satisfeitos em confundir essas duas coisas. Dize-nos

que essa mulher sentada na besta é a Igreja de Roma. Mas a Igreja de Roma é a Igreja de Deus ou, pelo menos uma parte dela, mesmo na mente desses intérpretes. Como então, essas duas coisas, tão opostas entre si, podem significar a mesma coisa? Na verdade, como foi com Elimas, o Mago, que, por sua perversidade, não pôde ver o sol por um tempo, assim aqueles que se alteram na controvérsia perdem o sentido. No esplendor dessa visão, eles não podem ver a verdade e saem para encontrar a Igreja de Deus, naquele tipo que representa a sua antagonista; cumprindo novamente aquele antigo autoengano, segundo o qual – quando a verdade está sobre a terra – os homens tomam-na por falsidade, como quando o verdadeiro Cristo veio, eles não O reconheceram e o chamaram de Anticristo. Como foi com a Sua Pessoa, assim também é com a Sua Igreja.

Com essas distinções preliminares, comecemos a última parte de nosso assunto. Devo falar da perseguição que o Anticristo infligirá à Igreja de Deus. Já vimos razão para crer que – assim como nosso Divino Senhor se entregou nas mãos dos pecadores, quando Seu tempo chegou, e nenhum homem poderia colocar as mãos sobre Ele, até que de Sua própria vontade se entregasse ao poder deles – então, da mesma maneira, será

com aquela Igreja da qual Ele disse: "*Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*"

Os ímpios não prevaleceram contra Ele, mesmo quando amarraram suas mãos com cordas, arrastaram-no para o julgamento, vendaram seus olhos, zombaram dele como se fosse um falso rei, bateram em sua cabeça como se fosse um falso profeta; ainda quando o conduziram para fora, crucificaram-no e, no auge de seu poder, pareciam ter total domínio sobre Ele, de modo que Ele foi derrubado e quase se prostrou diante de sus pés. Precisamente no momento em que esteve morto e enterrado à vista deles, foi o tempo em que Ele foi elevado sobre todos, ressurgiu ao terceiro dia, subiu aos Céus, foi coroado e glorificado, tomando posse de sua realeza e supremo reinado, sendo constituído Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Desse mesmo modo, deve suceder com a sua Igreja: embora por um tempo perseguida e, aos olhos dos homens, derrotada e pisoteada, destronada, despojada, escarnecida e esmagada, mesmo nesse tempo de triunfo, as portas do Inferno não prevalecerão.

Existe, na história, uma ressurreição e uma ascensão para a Igreja, uma realeza e dominação, ıma gloriosa recompensa para todos os que te-

nham perseverado. Como aconteceu com Jesus, é preciso sofrer para receber essa coroa; porém, uma vez coroado, com Ele ficará eternamente. Então ninguém se escandalize, se a profecia fala de sofrimentos no porvir. Estamos todos acostumados a imaginar triunfos e glórias da Igreja sobre a terra,- que o Evangelho será pregado por todas as nações, que o mundo se converterá e todos os inimigos serão subjugados... até alguns se mostram indispostos a ouvir que na história da Igreja, haverá um tempo de grande tribulação. Agindo assim, fazemos como os antigos judeus que esperavam por um conquistador, por um rei, pela prosperidade; e quando seu Messias veio, na humildade e na paixão, não o reconheceram. Por isso, estou inclinado a pensar que muitos, entre nós, intoxicam suas mentes com vislumbres de sucesso e vitória, a ponto de não suportarem a ideia de que esse tempo de perseguição já se aproxima da Igreja de Deus.

Portanto, ouçamos as palavras do profeta Daniel. Falando da pessoa a quem São João chama de Anticristo, e que ele chama de rei que trabalhará de acordo com a sua própria vontade, o profeta Daniel diz: "*Ele falará insolentemente contra o Excelso, e atropelará os Santos do Al-*

tíssimo."[65] Em outra parte, diz: "*Ele* – isto é, o poder deste rei – *se elevou até contra a fortaleza do céu: E deitou abaixo muito dos mais fortes, e muitas das estrelas, e as pisou aos pés. E se engrandeceu até contra o príncipe da força e tirou dele o sacrifício perpétuo, e desonrou o lugar da sua santificação.*"[66] E ainda:[67] "*Faltará a hóstia e o sacrifício: e ver-se-á no templo a abominação da desolação.*" Essas três passagens são tiradas do sétimo, oitavo e nono capítulos de Daniel. Eu poderia acrescentar outras, mas essas são o suficiente, pois no Livro do Apocalipse encontramos a chave para essas palavras. São João, evidentemente referindo-se ao Livro de Daniel, escreve sobre a besta, isto é, o poder perseguidor que reinará na terra pela força: "*Foi-lhe dado fazer guerra contra os Santos, e vencê-los.*"[68]

Ora, aqui temos quatro profecias distintas de uma perseguição, que será infligida por esse poder anticristão contra a Igreja de Deus. Portanto, apontarei o mais brevemente possível o que parece conduzir a esse efeito, nos eventos que agora nos cercam.

---

65 cap. vii. 25.

66 viii. 10, 11.

67 ix. 27.

68 Apoc. xii. 7.

1. O primeiro sinal ou nota desta perseguição vindoura é uma indiferença à verdade. Assim como há um tempo de calma antes de um redemoinho, e como as águas sobre uma grande cachoeira correm como por sobre vidro, assim, antes de uma convulsão, há um tempo de tranquilidade. O primeiro sinal é a indiferença. O sinal, que pressagia com mais certeza do que qualquer outro, a eclosão de uma perseguição futura é uma espécie de indiferença desdenhosa à verdade ou à falsidade. A Roma Antiga, em sua força e poder, adotou todas as religiões falsas de todas as nações conquistadas e deu, a cada uma delas, um templo dentro de seus muros. Ela era soberana e desdenhosamente indiferente a todas as superstições da terra. Ela as encorajou, pois cada nação tinha a sua própria, e essa superstição peculiar a cada uma era um modo de tranquilizar, governar e manter, em sujeição, o povo que se lisonjeava pela construção de um templo dentro dos muros romanos.

Da mesma forma, vemos as nações do mundo cristão, neste momento, adotarem gradualmente todas as formas de contradição religiosa – isto é, dando-lhes total alcance e, como se diz, perfeita tolerância; não reconhecem quaisquer distinções de verdade ou falsidade entre uma religião

ou outra, mas deixam todas as formas de religião trabalharem do seu próprio jeito. Miserável é o estado do mundo, em que dez mil tipos de veneno crescem em torno de uma verdade; miserável é o estado de qualquer país, onde a verdade somente é tolerada. Esse é um estado de grande perigo espiritual e intelectual.

Vejamos as consequências. Em primeiro lugar, a voz divina da Igreja de Deus é, assim, inteiramente ignorada. Eles não veem distinção entre uma doutrina de fé e uma opinião humana: a ambas, igualmente, deixa-se o campo livre. Existem doutrinas de fé misturadas com todas as formas de heresia, até que, como na Inglaterra, temos todas as formas concebíveis de crença, desde o Concílio de Trento, em todo o seu vigor e em toda a sua perfeição, até o *Catecismo de Religião Positiva*.

Todas as formas de opinião têm, entre nós, livre curso, do começo ao fim dos dois extremos; uma das quais é o culto a Deus na Unidade e na Trindade, encarnado por nós; e a outra, a negação de Deus e o culto da humanidade. Além disso, negando e ainda ignorando a voz divina da Igreja, os governantes civis ignoram por uma consequência necessária a unidade da Igreja e admitem todas as formas de seitas separadas, sistemas, di-

visões sem distinção real; de modo que o povo se desintegra em seitas e divisões religiosas, e se perde totalmente a lei da unidade.

Toda verdade positiva, como tal, é desprezada; e é escarnecida, porque quem apontará o certo e o errado, se não houver um mestre divino? Se não houver juiz divino, quem dirá o que é verdadeiro e o que é falso, entre as opiniões religiosas conflitantes? Um estado que se separou da unidade da Igreja e, portanto, perdeu a orientação do Mestre Divino, não pode determinar, por nenhum de seus tribunais, civis ou eclesiásticos, como pode classificar o que é verdadeiro e o que é falso em uma controvertida questão religiosa; e assim, como sabemos, nasce aquele intenso ódio pelo que é chamado de dogmatismo, isto é, por qualquer verdade positiva, qualquer coisa definida, final, que tenha limites precisos; qualquer forma de crença que se expresse em definições particulares. Tudo isso é completamente desagradável para os homens que, em princípio, encorajam todas as formas de opinião religiosa.

De fato, estamos chegando ao estado de Festo, que, quando soube que os judeus tinham uma acusação contra São Paulo, relatou que não conseguia encontrar *"nenhum delito que lhe parecesse mal"*, porque eram questões de superstição,

e *"sobre um certo Jesus defunto, o qual Paulo afirmava viver."*[69] Ora, esse é apenas o estado de indiferença a que os governantes civis do mundo estão gradualmente se reduzindo, juntamente com o governo que administram e as pessoas governadas.

2. O próximo passo é a perseguição da verdade. Quando Roma, nos dias antigos, legalizou toda idolatria em toda a extensão do seu Império, havia apenas uma religião que foi chamada de *religio illicita*, e apenas uma sociedade que foi chamada de *societas illicita*. Eles podiam adorar os doze deuses do Egito, ou Júpiter Capitolino, ou Dea Roma; mas eles não podiam adorar ao Deus do céu, eles não podiam adorar ao Deus revelado em Seu Filho. Eles não criam na Encarnação; e a única religião verdadeira era a não tolerada. Havia os sacerdotes de Júpiter, de Cibele, de Fortuna e de Vesta; havia todo tipo de confrarias sagradas, ordens e sociedades, e quantas mais... no entanto, havia uma sociedade que não tinha permissão de existir, e essa era a Igreja do Deus vivo. Em meio a essa tolerância universal, houve uma exceção feita com a mais peremptória exatidão, para excluir a verdade e a Igreja de Deus do mundo.

---

69 Atos xx. 18, 19.

Ora, esse estado de coisas deve, inevitavelmente, renovar-se, porque a Igreja de Deus é inflexível na missão que lhe foi confiada. A Igreja Católica nunca fará concessões em matéria de doutrina; nunca permitirá que duas doutrinas opostas sejam ensinadas no seu seio; nunca obedecerá ao governo civil que queira pronunciar juízo em matérias espirituais.

A Igreja Católica está obrigada, por lei divina, a sofrer o martírio, em vez de comprometer uma doutrina revelada, ou obedecer a leis civis que violem a consciência; e, mais do que isso, não está somente obrigada a oferecer uma desobediência passiva, que pode ser secreta e assim não percebida, e porque não percebida, não sujeita a penas; mas a Igreja Católica não pode ficar em silêncio; não pode se calar; não pode deixar de pregar as doutrinas da Revelação, não só da Trindade e da Encarnação, mas também dos Sete Sacramentos, da infalibilidade da Igreja de Deus e da necessidade da unidade e da soberania, tanto temporal quanto espiritual, da Sé Apostólica. Porque não pode permanecer em silêncio, porque não pode transigir em sua doutrina, porque não obedece em questões que tocam em sua prerrogativa divina. Por isso, ela é a única no mundo. Pois não há outra Igreja, outra qualquer comunidade,

que receba o nome de igreja, que não se submeta, ou obedeça, ou se cale ante o comando dos governos civis.

Não se passaram dez anos, desde que ouvimos uma decisão judicial sobre a questão do batismo, envolvendo – de um lado, a doutrina do pecado original e, de outro, a doutrina da graça preveniente;[70] e, porque um juiz civil pronunciou que era lícito ensinar na Igreja Anglicana duas doutrinas contraditórias, os bispos, os padres e o povo se contentaram que assim fosse ou, pelo menos, disseram: "*Não podemos fazer de outra forma; o poder civil permitiu que se ensinem as duas coisas: o que podemos fazer? Somos perseguidos e ainda assim ficamos calados: exercemos nosso ministério sob uma lei que nos obriga a suportar que o homem que prega antes de nós pela manhã, ou depois de nós à noite, possa pregar uma*

---

70 Usa-se aqui graça preveniente (*preventing grace*) para se referir a uma graça que é eficaz antes e independentemente de qualquer ato voluntário da parte do indivíduo que a recebe de Deus (literalmente, ela vem antes da vontade, para distingui-la da graça cooperante). No italiano, lemos graça reparadora (*grazia riparatrice*) que parece querer enfatizar mais a eficácia da graça conferida. Em ambos os casos, faz-se referência à doutrina tradicional sobre o Batismo, segundo a qual este Sacramento comunica com certeza a graça da regeneração à criança batizada. [N. do T.]

doutrina que sabemos ser diametralmente oposta às doutrinas reveladas por Deus: os governantes civis assim ordenaram: não somos nós responsáveis por isso, nem a Igreja Anglicana é responsável por isso, porque ela é perseguida."

Ora, essa é a diferença característica entre um sistema humano estabelecido pela lei civil e a Igreja de Deus. Seria permitido, na Igreja Católica e Romana, que eu, agora, negasse que toda criança batizada recebe a infusão da graça regeneradora? O que seria de mim amanhã cedo? Vós sabeis, perfeitamente, que se eu removesse um ponto ou um jota da santa fé católica que a voz divina da Igreja nos ensina, eu seria imediatamente suspenso e não haveria governante civil, e nem poder algum neste mundo, que me pudesse reintegrar ao exercício das minhas funções. Nenhum juiz ou potentado, sobre a terra, poderia devolver-me a administração dos sacramentos, enquanto a autoridade espiritual da Igreja não o permitisse.

Essa é, pois, a diferença característica, que um dia deve trazer sobre a Igreja – em todos os países, onde se estabeleceu esse espírito de indiferença, – uma perseguição da parte do poder civil. E por mais uma razão, porque a diferença entre a Igreja Católica e todas as outras sociedades é esta: as outras sociedades são de formação vo-

luntária, isto é, as pessoas se unem a um determinado corpo e, se não gostarem, depois de melhor juízo, seguem seu caminho: tornam-se batistas, ou anabatistas, ou episcopalianos, ou unitaristas, ou presbiterianos, até acharem algo que não gostem nesses sistemas; e, então, eles prosseguem adiante e se unem a algum outro corpo, ou permanecem desvinculados. É porque essas sociedades não têm o direito de governar a vontade – tudo o que elas professam fazer é ensinar. Elas são como as escolas antigas, e seu ensino é uma espécie de filosofia cristã. Expõem suas doutrinas perante quem está disposto a ouvi-las, e, se ouvem e, por sorte, concordam com tudo, então permanecem com eles: se não, vão em busca de outro caminho.

Mas onde está o governo sobre a vontade? Eles podem dizer: *"Em nome de Deus, e sob pena de pecado mortal, deveis crer que Deus se encarnou, e que nosso Senhor encarnado se oferece em sacrifício sobre o altar, que os Sacramentos instituídos pelo Filho de Deus são sete, e que todos eles transmitem a graça do Espírito Santo"*? A menos que tenham autoridade sobre a vontade, como também sobre o intelecto, são apenas uma escola, não um reino. Ora, essa é uma característica totalmente ausente de todas as sociedades, que não podem reivindicar um governo em nome

de nosso Divino Senhor, e com uma voz Divina. Assim, a Igreja de Deus difere de qualquer outra sociedade neste particular, pois não é somente uma comunhão de pessoas que se unem voluntariamente, mas que é também um reino. Ela tem um poder legislativo: a série de seus concílios, que no curso de dezoito séculos tem julgado, deliberado e decretado, com toda a solenidade, e com toda a majestade de um senado imperial.

Tem poder executivo que faz cumprir os decretos de todos esses concílios, com toda a calma, e com toda a peremptória autoridade de uma vontade imperial. Sobretudo, a Igreja de Deus é uma monarquia, é um império nos impérios e, por isso, provoca ciúmes nos governantes e príncipes deste mundo. Eles dizem: *"Non volumus hunc regnare super nos"* – *"Não queremos que este homem reine sobre nós"*. É, precisamente, porque o Filho de Deus, quando veio, estabeleceu um reino sobre a terra, e em consequência, em todas as terras, em todas as nações, que a Igreja Católica governa com a autoridade da universal Igreja de Deus.

Por exemplo, na Inglaterra, o pequeno e desprezado rebanho de católicos estão unidos sob uma hierarquia de dez anos, apoiada na Santa Sé como seu centro, que fala e governa com uma so-

berania derivada de toda a Igreja de Deus. É assim, pois, que há dez anos, viu-se toda a atmosfera agitada e atormentada pelo ruído da "*agressão papal*". O instinto natural dos governantes civis sabia que não se tratava de uma mera filosofia cristã, vinda de terras estrangeiras, mas um governo, um poder e uma soberania. Por esta razão também, a escola liberal mais radical – aqueles que reivindicam tolerância para todas as formas de opinião, e que ensinam não caber ao governo civil entrar em controvérsias de religião – mas que todos os homens devem ser deixados livres em sua crença, e que a consciência de todos os homens seja livre diante de Deus – mesmo eles fazem aqui uma exceção: caindo na mais estranha contradição de todos os seus princípios ou, ao menos, de suas alegações, sustentam que, como a Igreja Católica não é somente uma forma de doutrina, mas também um poder ou governo, ela deve ser excluída da tolerância universal.

Ora, esse ponto é justamente o germe da futura colisão. Essa é a razão pela qual os Arcebispos de Cologne, Turim, Cagliari e outros
no dia seguinte, mandados para o exílio. É por isso que dezenove Sés estão, neste momento, vacantes na Sardenha. Por isso, na Itália, os Bispos

são, hoje, expulsos de seus tronos episcopais;[71] é por essa razão que, em nosso país, a religião protestante reina em vez da verdade católica, e que os tronos – antes ocupados pelos bispos da Igreja universal – são, agora, tomados por aqueles a quem os reino da Inglaterra, e não o reino do Vigário de Jesus Cristo, elegeu e investiu. É sempre a mesma antiga luta, tão antiga quanto o próprio cristianismo, que tem sido desde o princípio, primeiro com os pagãos, depois com os hereges, depois com os cismáticos e depois com os infiéis. E continuará até o fim.

Não está longe o tempo em que as nações do mundo, agora tão calmas e pacíficas na quietude de sua indiferença universal, hão de facilmente se sublevar contra esse reino, e novas leis penais se acharão em seus livros de leis.

3. Isso nos leva, claramente, às notas que o profeta dá sobre a perseguição dos últimos dias. Ora, ele fez menção a três coisas. Na previsão profética, ele viu e anunciou esses três sinais. Primeiro, que será tirado o sacrifício contínuo; segundo, que o santuário será ocupado pela abominação da desolação; terceiro, que *"os fortes"* e

71 Alusão ao processo histórico que levou ao latrocínio dos Estados Papais, sucintamente descrito na nota 3, à página 10. [N. do T.]

"*as estrelas*", conforme sua descrição, serão lançadas sobre a terra: e são esses sinais os únicos três, que tratarei aqui.

Em primeiro lugar, o que se entende por essa retirada do sacrifício perpétuo?

Ele foi retirado, em figura, na destruição de Jerusalém. O sacrifício do Templo, isto é, do cordeiro, da manhã e da tarde, no Templo de Deus, foi totalmente abolido com a destruição do próprio Templo. Mas o Profeta Malaquias diz: "*Porque desde o nascente do sol até o poente, é o meu nome grande entre as gentes, e em todo o lugar se sacrifica, e se oferece ao meu nome uma oblação pura.*"[72] Esta passagem do profeta foi interpretada pelos Padres da Igreja, primeiramente por Santo Irineu, depois por São Justino Mártir e não sei mais quantos outros, como o sacrifício da Santa Eucaristia, o verdadeiro Cordeiro Pascal que veio em lugar de sua figura, ou seja, o sacrifício do próprio Jesus no Calvário, perpetuamente renovado e continuado para sempre no Sacrifício do Altar.

Ora, será esse talvez o sacrifício perpétuo que será tirado? O que era a sua figura nos tempos antigos já foi tirado. Mas o verdadeiro sacrifício

---

72 Mal. i. 11.

já foi tirado? Os Santos Padres que escreveram sobre o assunto do Anticristo e dessas profecias de Daniel, sem uma única exceção, até onde eu sei, e eles são os Padres do Oriente e do Ocidente, da Igreja Grega e da Latina, todos eles – de forma unânime – dizem que, no fim do mundo, durante o reino do Anticristo, a oblação pública do Santo Sacrifício do Altar cessará por algum tempo.[73] Na obra sobre o fim do mundo, atribuída a Santo Hipólito, depois de uma longa descrição das aflições dos últimos dias, lemos o seguinte: "*As Igrejas lamentarão com um grande clamor, pois não será mais oferecida a oblação, nem o incenso, nem o culto aceitável a Deus. Os edifícios sagrados das igrejas serão como choupanas; e o Precioso Corpo e Sangue de Cristo não se manifestarão naqueles dias; a Liturgia será extinta; o canto de salmos cessará; a leitura da Sagrada Escritura não será mais ouvida. Mas haverá trevas sobre os homens, e pranto sobre pranto, e ai sobre ai.*"[74]

Então, a Igreja será dispersada, levada ao deserto e, por um tempo, como era no princípio, ficará invisível, escondida em catacumbas, em cavernas, em montanhas, em esconderijos; por um

73 Malvenda, lib. viii. c. 4, &c.

74 S. Hippolyto tributus Liber de Consum., Mundi, § 34.

tempo ela será, por assim dizer, varrida da face da terra. Esse é o testemunho universal dos Padres dos primeiros séculos.

Já aconteceu alguma coisa que possa ser chamada de realização parcial ou precursora de um evento como esse? Olhemos para o Oriente. A superstição maometana, que surgiu na Arábia e varreu a Palestina e a Ásia Menor, a região das Sete Igrejas, com o Egito e o norte da África – terra de Santo Agostinho, São Cipriano, Santo Optato – e, finalmente, penetrou em Constantinopla, onde logo se tornou dominante em todos os lugares, perseguiu e suprimiu o culto e o sacrifício de Jesus Cristo. A superstição maometana, neste momento, mantém para – suas mesquitas – um número prodigioso de igrejas cristãs, nas quais já foi tirado o sacrifício perpétuo e, nas quais, os altares já foram completamente destruídos.

Em Alexandria e em Constantinopla, existem igrejas construídas para o culto cristão, nas quais nenhum cristão jamais entrou, desde que foi interrompido o sacrifício perpétuo. Certamente nisso vemos, pelo menos em parte, o cumprimento dessa profecia; tanto assim, que muitos intérpretes dirão que Maomé é o Anticristo, e que nenhum outro mais está por vir. Sem dúvida, ele foi um dos muitos precursores e figuras do Anticristo,

que ainda há de vir.

Olhemos agora para o Ocidente. Será que o sacrifício perpétuo foi abolido em algum outro país? Acaso, por exemplo, não foi abolido em todas aquelas igrejas da Alemanha protestante, que outrora eram católicas, onde o Santo Sacrifício da Missa era oferecido diariamente? Não foi, por acaso, abolido na Noruega, Suécia, Dinamarca e metade da Suíça, onde há uma infinidade de antigas igrejas católicas? Não o foi, porventura, na Inglaterra, nas catedrais e igrejas paroquiais deste país, as quais foram construídas simplesmente como santuários de Jesus presente na Sagrada Eucaristia, como santuários erguidos para o oferecimento do Santo Sacrifício?

Qual é a nota característica da Reforma, senão a rejeição da Missa, e todas as coisas que lhe pertencem, conforme declarado nos Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana, que as reputa como fábulas blasfemas e enganos perigosos? Sobretudo, a supressão do sacrifício perpétuo é a nota característica da Reforma Protestante. Então, descobrimos que esta profecia de Daniel já tem o seu cumprimento, tanto no Oriente quanto no Ocidente,- nas duas alas, por assim dizer; enquanto, no coração da Cristandade, ainda se oferece o Santo Sacrifício.

O que é essa grande inundação de infidelidade, revolução e anarquia, que ora solapa os fundamentos da sociedade cristã, não só na França, mas também na Itália e inclusive em Roma, o centro e santuário da Igreja Católica, senão a abominação que desola o santuário e retira o sacrifício perpétuo? As sociedades secretas há muito têm minado e se infiltrado na sociedade cristã da Europa, e estão, neste momento, marchando em direção a Roma, o centro de toda a ordem cristã no mundo. O cumprimento da profecia ainda está por vir; e o que vimos nas duas alas, veremos também no centro; e aquele grande exército da Igreja de Deus será disperso por um tempo. Por um tempo, parecerá vencido, e o poder dos inimigos da fé – também por um tempo – prevalecerá. O sacrifício perpétuo será removido e será derrubado o santuário. O que pode ser, mais literalmente, a abominação da desolação do que a heresia que removeu a presença do Deus vivo do Altar?

Se quiserdes entender esta profecia da desolação, entrai em uma igreja que já foi católica, onde agora não há sinal algum de vida; está vazia, despojada, sem altar, sem tabernáculo, sem a presença de Jesus. E o que já aconteceu no Oriente e no Ocidente está se estendendo a todo o centro da unidade católica. O espírito protestante da Ingla-

terra e o espírito cismático dos países católicos de nome está, neste momento, incitando ao grande movimento anticatólico na Itália. A hostilidade para com a Santa Sé é o seu motivo verdadeiro e dominante.

E, assim, chegamos à terceira nota, a derrubada do "príncipe da fortaleza"; isto é, a autoridade divina da Igreja, e especialmente daquele em cuja pessoa ela está incorporada, o Vigário de Jesus Cristo. Deus o investiu com soberania e lhe deu uma casa e um patrimônio sobre a terra. O mundo já está todo em armas para depô-lo e não lhe deixar nenhum lugar para reclinar a cabeça. Roma e os Estados Romanos são a herança da Encarnação. O mundo está decidido a expulsar a Encarnação da terra. Não permitirá que possua nem o quanto de terra for necessário para suster a sola de seus pés. Essa é a verdadeira interpretação do movimento anticatólico da Itália e da Inglaterra: "*Tolle hunc de terra*". O destronamento do Vigário de Cristo é o destronamento da hierarquia da Igreja universal e a rejeição pública da Presença e do Reino de Jesus.

4. Agora, sendo obrigado a entrar um pouco no futuro, devo me limitar a traçar um esboço muito geral. A tendência direta de todos os eventos que vemos, neste momento, é claramente esta, de der-

rubar o culto católico em todo o mundo. Já vemos que cada governo, na Europa, está excluindo a religião de seus atos públicos. Os poderes civis estão se profanando: o governo não tem religião; e se o governo é ateu, a educação deve ser sem religião. Já vemos isso na Alemanha e na França. Isso se tentou por repetidas vezes na Inglaterra. O resultado disso nada pode ser, senão o restabelecimento da mera sociedade natural; isto é, os governos e os poderes do mundo – que, por um tempo, foram subjugados pela Igreja de Deus à fé no cristianismo, à obediência às leis de Deus e à unidade da Igreja – tendo se revoltado e profanado, retornaram ao seu estado natural.

O Profeta Daniel, no capítulo onze e doze, diz que no tempo do fim "*muitos serão escolhidos, e serão branqueados, e serão provados como pelo fogo: E os ímpios obrarão como ímpios, e nenhum ímpio terá inteligência, mas tê-la-ão os doutos*",[75] isto é, muitos, que conheceram a fé, abandoná-la-ão por apostasia. "*E dos sábios cairão alguns*",[76] isto é, eles cairão de sua fidelidade a Deus.

E como acontecerá isso? Em parte por temor, em parte por engano, em parte por covardia; em

---

75 Dan. xii. 10.

76 Dan. xi. 35.

parte porque eles não podem defender a verdade impopular em face da falsidade popular; em parte porque a opinião pública soberana e desdenhosa, como neste país e na França, subjuga e amedronta os católicos, que não ousam confessar seus princípios e, por fim, não ousam sustentá-los. Pois se tornam admiradores e adoradores da prosperidade material dos países protestantes. Eles veem o comércio, as empresas, a agricultura, o capital, a ciência prática, os exércitos irresistíveis e as frotas que cobrem o mar, e se juntam para adorar e dizer: "*Nada é tão grande quanto este grande país da Inglaterra Protestante.*" E, assim, abandonam a fé e tornam-se materialistas, buscando a riqueza e o poder deste mundo, deslumbrados e dominados pela grandeza de um país que abandonou sua fidelidade à Igreja.

5. Ora, o último resultado disso tudo será uma perseguição, que não me atreverei descrever. Basta lembrá-los das palavras de nosso Divino Mestre: "*Um irmão entregará à morte outro irmão*";[77] será uma perseguição em que nenhum homem poupará o seu próximo, em que os poderes do mundo lançarão, sobre a Igreja de Deus, uma vingança como o mundo antes nunca conhe-

77 Mar. xiii. 12.

ceu. A Palavra de Deus nos diz que, no fim dos tempos, os poderes desse mundo vão se tornar tão irresistíveis e triunfarão de tal modo, que a Igreja de Deus afundará sob suas mãos – isto é, a Igreja de Deus não receberá mais a ajuda material dos imperadores, reis ou príncipes, legisladores, nações e povos, para fazer frente ao poder e a força de seus antagonistas. Ela será privada de proteção. Ela será enfraquecida, prostrada e pisoteada pelos poderes deste mundo. Isso não parece incrível? O que, pois, vemos neste tempo?

Vede a Igreja Católica Romana pelo mundo. Quando foi que ela mais se assemelhou à sua Cabeça, na hora em que Ele teve suas mãos e pés amarrados pelos que o traíram? Vede a Igreja Católica, ainda independente, fiel à sua missão divina e, contudo, rejeitada pelas nações do mundo; o Santo Padre, o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, neste momento, sendo zombado, ignorado, traído, abandonado, roubado e há – até – aqueles que apoiariam o seu assassinato. Quando esteve a Igreja de Deus em pior condição, no débil entender humano, do que agora? Então, eu pergunto: de onde virá a libertação? Existe na terra algum poder que possa intervir? Existe algum rei, príncipe ou potentado que possa impor ou sua vontade ou sua espada para proteger a Igre-

ja? Não há; e foi predito que deveria ser assim mesmo.

Não é necessário esperar por esse libertador terreno, pois a vontade de Deus parece ser outra. Porém, há um Poder que destruirá todos os antagonistas; há uma Pessoa que romperá e reduzirá a pó todos os adversários da Igreja, pois Ele derrotará seus inimigos "*com o sopro de sua boca*" e os destruirá "*com o fulgor de sua vinda*". Parece como se o Filho de Deus estivesse zeloso de que ninguém, senão Ele mesmo, vingaria a Sua autoridade. Ele chamou a batalha para Si mesmo; investiu contra os que O rejeitaram e a profecia deixa claro que aquele que porá fim ao mal será Ele. Isso não será obra humana, mas obra do Filho de Deus, a fim de que todas as nações do mundo saibam que Ele – e somente Ele – é o Rei e entendam, de uma vez por todas, que Ele – e somente Ele- é Deus. Lemos, no Livro Apocalipse, sobre cidade de Roma, que ela disse no orgulho do seu coração: "*Eu estou assentada como Rainha: E não sou viúva: E não verei o pranto. Por isso num mesmo dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome, e ela será abrasada em fogo: Porque é forte o Deus que a há de julgar.*"[78]

78 Apoc. xviii. 7, 8.

Alguns dos maiores escritores eclesiásticos nos dizem que, com toda probabilidade, na última derrota dos inimigos de Deus, a própria cidade de Roma será destruída; ela será – uma segunda vez – punida por Deus Todo Poderoso, como foi no princípio. Nunca houve destruição na terra comparável à queda de Roma nos dias antigos.

São Gregório Magno, escrevendo sobre isso, diz: "*Roma, há pouco tempo, era vista como a dona do mundo; o que ela é agora nós vemos. Esmagada por múltiplas e ilimitadas misérias, pela desolação de seus habitantes, a invasão dos inimigos, a frequência de destruição, vemos cumpridas nela as palavras do Profeta contra a cidade de Samaria... Onde está o senado? onde está agora o povo? Seus ossos apodrecem e sua carne é consumida. Extinguiu-se nela todas as pompas da grandeza mundana. Dissolveu-se toda a sua estrutura. E nós, os poucos que restaram, somos atormentados todos os dias pela espada e por inúmeras tribulações... Roma está vazia e em chamas... seu povo fracassou e até suas paredes estão caindo... Onde estão agora aqueles que uma vez exultaram em sua glória? Onde estão suas pompas? onde seu orgulho? onde seu*

regozijo constante e imoderado?"[79] *Nunca houve uma ruína como a derrubada da grande Cidade das Sete Colinas, quando as palavras da profecia foram cumpridas: "Caiu Babilônia" como "uma grande pedra de moinho lançada ao mar."*

Os escritores eclesiásticos nos dizem que, nos últimos dias, a cidade de Roma provavelmente apostatará da Igreja e do Vigário de Cristo; e que Roma, novamente, será castigada por isso; e o jugo de Deus recairá sobre o lugar, onde Ele uma vez reinou sobre as nações do mundo. Pois o que torna Roma sagrada, senão a presença do Vigário de Jesus Cristo? O que é caro aos olhos de Deus, senão somente a presença do Vigário de Seu Filho? Se a Igreja de Cristo se afastar de Roma, Roma não será mais – aos olhos de Deus – do que a antiga Jerusalém. A Cidade Santa, escolhida por Deus, foi lançada e consumida pelo fogo, porque crucificou o Senhor da glória; e a cidade de Roma, que foi a residência do Vigário de Jesus Cristo, por mil e oitocentos anos, se apostatar – como a Jerusalém da Antiguidade – sofrerá uma condenação semelhante.

Portanto, os escritores eclesiásticos nos dizem que a cidade de Roma não tem prerrogativa,

---

79 S. Greg. lib. ii. hom. vii. in Ezech.

salvo sob a condição de que o Vigário de Cristo lá esteja; e, se esta for infiel, os mesmos juízos que caíram sobre Jerusalém, embora santificada pela presença do Filho de Deus, do Mestre e não somente do discípulo, recairão da mesma forma sobre Roma.

Como a apostasia da cidade de Roma, do Vigário de Cristo e a sua destruição pelo Anticristo podem ser conceitos que surpreendam a muitos católicos, penso ser bom citar o texto dos teólogos de maior reputação.

Em primeiro lugar, Malvenda, que escreveu expressamente sobre o assunto, afirma como opinião de Ribera, Gaspar Melus, Viegas, Suárez, Belarmino e Bósio, que Roma deve apostatar da fé, expulsar o Vigário de Cristo e retornar ao seu antigo paganismo.[80] As palavras de Malvenda são: "*Mas a própria Roma, nos últimos tempos do mundo, retornará à sua antiga idolatria, poder e grandeza imperial. Ela expulsará o seu Pontífice, tendo completamente apostatado da fé cristã, perseguirá terrivelmente a Igreja, derramará o sangue dos mártires mais cruelmente do que nunca e recuperará seu antigo estado de abundante riqueza, ou mesmo maior do que tinha*

---

80 Malvenda, de Antichristo, lib. iv. cap. 5.

sob seus primeiros governantes."

Léssio diz: "*No tempo do Anticristo, Roma será destruída, como vemos abertamente no décimo terceiro capítulo do Apocalipse*"; e, em outro lugar: "*A mulher que vistes é a grande cidade, que tem reino sobre os reis da terra, na qual é representada Roma em sua impiedade, tal como era no tempo de São João, e será novamente no fim do mundo.*"[81] E Belarmino: "*No tempo do Anticristo, Roma será desolada e queimada, como aprendemos no versículo dezesseis do capítulo dezessete do Apocalipse.*"[82] Sobre essas palavras o jesuíta Erbermann comenta o seguinte: "*Todos confessamos com Belarmino que o povo romano, um pouco antes do fim do mundo, retornará ao paganismo e expulsará o Romano Pontífice.*"

Viegas, no capítulo dezoito do Apocalipse, diz: "*Roma, na última era do mundo, depois de apostatar da fé, alcançará grande poder e esplendor de riqueza, e seu domínio será amplamente difundido no mundo, e florescerá muito. Vivendo no luxo e na abundância de todas as coisas, ela adorará ídolos e estará imersa em todos os tipos de superstição, e prestará homenagem a falsos deuses. E por causa da vasta efusão do sangue*

---

81 Lessius, de Antichristo, demonst. Xii.

82 Bellarm. de Summo Pontif. lib. iv. cap. 4.

dos mártires que foi derramado sob os imperadores, Deus os vingará da maneira mais severa e justa, e será totalmente destruída e queimada por uma mais terrível e desoladora conflagração."

Finalmente, Cornélio a Lapide resume o que se pode ser chamada a interpretação comum dos teólogos. Comentando o mesmo capítulo dezoito do Apocalipse, ele diz: "*Essas coisas devem ser entendidas da cidade de Roma, não a que é, nem a que foi, mas a que será no fim do mundo. Pois então a cidade de Roma retornará à sua antiga glória, e assim também à sua idolatria e outros pecados, e será como era no tempo de São João, sob Nero, Domiciano, Décio, etc. Pois de cristã deve novamente tornar-se pagã. Expulsará o Pontífice cristão e os fiéis que o seguem. Deve persegui-los e matá-los... Será comparável às perseguições dos imperadores pagãos contra os cristãos... Pois assim vemos que Jerusalém foi primeiramente pagã sob o domínio dos cananeus; em segundo lugar, fiel sob os judeus; em terceiro lugar, cristã sob os apóstolos; quarto, pagã novamente sob os romanos; em quinto lugar, sarracena sob os turcos."*

Do mesmo modo, eles creem o que será a história de Roma: pagã sob os imperadores, cristã sob os apóstolos, fiel sob os pontífices, apóstata

sob a Revolução e pagã sob o Anticristo. Só Jerusalém poderia pecar tão formalmente e cair tão baixo; pois apenas Jerusalém foi escolhida, iluminada e consagrada. E como nenhum povo foi tão intenso em suas perseguições a Jesus como os judeus, temo que ninguém jamais será mais implacável contra a fé do que os romanos.

Ora, não procurei apontar quais serão os eventos futuros, exceto em linhas gerais, e nunca me aventurei a designar quem será a pessoa que os realizará. Disso nada sei; mas posso com a mais perfeita certeza, pela Palavra de Deus e pelas interpretações da Igreja, apontar os grandes princípios que estão em conflito de ambos os lados. Comecei mostrando que o Anticristo, e o movimento anticristão, tem essas notas: primeiro, o cisma da Igreja de Deus; em segundo lugar, a negação de sua voz divina e infalível; em terceiro lugar, a negação da Encarnação. Portanto, ele é o inimigo direto e mortal da Única Santa Igreja Católica e Romana – a unidade da qual todo cisma é feito; o único órgão da voz divina do Espírito de Deus; o templo e santuário da Encarnação e do sacrifício perpétuo. Agora digo, para encerrar, que os homens precisam olhar bem para seus princípios. Eles têm que fazer uma escolha entre duas coisas, entre a fé em um mestre falando com uma voz

infalível, governando a unidade que agora, como no princípio, une as nações do mundo; ou o espírito do cristianismo fragmentário, que é a fonte da desordem, e termina na incredulidade.

Aqui está a escolha simples para a qual todos nós somos chamados; e devemos decidir entre essas duas coisas. Os acontecimentos de cada dia estão levando os homens cada vez mais longe, na carreira em que ingressaram. A cada dia, os homens estão mais divididos. Estes são tempos de peneiração. Nosso Divino Senhor está de pé na Igreja: *"A sua pá na sua mão se acha: e ele limpará muito bem a sua eira: E recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará as palhas num fogo, que jamais se apagará."*[83]

Este é um tempo de provação, quando *"alguns dos sábios cairão"*, e só serão salvos os que permanecerem firmes até o fim. Os dois grandes antagonistas estão reunindo suas forças para o último combate; pode não ser em nossos dias, pode não ser no tempo daqueles que virão depois de nós; mas uma coisa é certa: somos tão provados agora, quanto serão aqueles que estiverem vivos, quando acontecerem essas coisas. Pois, tão certo como o Filho de Deus reina nas alturas e reinará

83 S. Mat. iii. 12.

“*até que ponha todos os seus inimigos por escabelo de seus pés*”, certamente, todo aquele que ergue um calcanhar ou dirige uma arma contra Sua fé, Sua Igreja ou Seu Vigário sobre a terra, terá parte no juízo que está reservado ao Anticristo, a quem ele serve.